

alma

REVISTA DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA

2015

Anno LXII Mensile
n.3/4 Marzo/Aprile

Poste Italiane SpA
Spedizione in Abbonamento
Postale
D.L. 353/2003
(conv. in L. 27/02/2004 n° 46)
art.1, comma 2 - DCB Roma



ALARGAI O OLHAR: ENCONTRO

dma

Revista das Filhas de Maria Auxiliadora
Via Ateneo Salesiano, 81 - 00139 Roma
tel. 06/87.274.1 • fax 06/87.13.23.06
e-mail: dmariv2@cgfma.org

Diretora responsável

Mariagrazia Curti

Redação

Maria Helena Moreira
Gabriella Imperatore

Colaboradoras

Maria Américo • Julia Arciniegas
Patrizia Bertagnini • Mara Borsi
Carla Castellino • Piera Cavaglià
Maria Antonia Chinello
Anna Rita Cristaino • Emilia Di Massimo •
Dora Eyllenstein • Palma Lionetti
Anna Mariani • Adriana Nepi
Maria Perentaler • Loli Ruiz Perez
Debbie Ponsaran • Maria Rossi
Eleana Salas • Martha Séide
Giuseppina Teruggi

Tradutoras

francês • Anne Marie Baud
japonês • inspetoria japonesa
inglês • Louise Passero
polonês • *Janina Stankiewicz*
português • Maria Aparecida Nunes
espanhol • Amparo Contreras Alvarez
alemão • inspetorias Áustria - Alemanha

EDIÇÃO EXTRACOMERCIAL

Instituto Internacional Maria Auxiliadora
Via Ateneo Salesiano 81, 00139 Roma
c.c.p. 47272000

Reg. Trib. Di Roma n. 13125 de 16-1-1970

Sped. abb. post. – art. 2, comma 20/c,
lei 662/96 Filial de Roma

n. 03/04 março/abril de 2014

Tip. Instituto Salesiano Pio XI
Via Umbertide 11 00181 Roma

USPI

ASSOCIADA
UNIÃO IMPRENSA PERIÓDICA ITALIANA

Edição em Português



SUMÁRIO

04 **Editorial** **O fio verde do encontro**

Primeiro plano

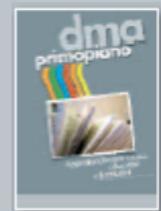
06 *A paz é o caminho* **A paz no Oriente Médio**

07 *Mulheres no contexto* **Mulheres de alegria**

09 *Cultura ecológica* **Rumo a algo novo**

11 *Fio de Ariadne* **Por trás das máscaras**

14 **DOSSIÊ** **Encontro**

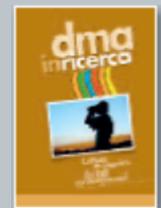


Em busca

23 *Dom e Culturas* **Um sentido para a vida**

24 *A Palavra* **Emaús: rastros de desânimo**

26 *Carisma e liderança* **Acolher-se e perdoar-se na fé**



Comunicar

27 *Um olhar sobre o mundo* **Uma viagem longa como um sonho**

31 *Vida consagrada* **Comunicação e vida fraterna**

32 *Vídeo* **O sal da terra**

34 *Livro* **O que o inferno não é**

36 *Música* **Green music: a música em apoio à terra**

38 *Camilla* **Era uma vez... o colóquio**





O fio verde do encontro

Maria Helena Moreira

O horizonte que se abre com a expressão: “Alargai o olhar; missionários de esperança e de alegria com os jovens”, é portadora de um convite ao encontro!

O encontro toca a terra sagrada do outro e abre à sensibilidade que se traduz em escuta e reciprocidade. O encontro interessa à pessoa, portanto, é procurado interiormente e nos faz dar passos em direção ao outro, para acolher um modo de pensar diferente e as surpresas que irrompem na partilha existencial.

Quando fazemos a escolha de caminhar com os jovens, abertos a novas estradas e a novas frequências e sintonias, descobre-se um fluxo de conexões comunicativas, que nos lembra o calor, a empatia e a força da palavra de Jesus.

Há uma proximidade expressa na sua compaixão, na sua bondade, nos seus gestos de inclusão, ao conceder a esperança a cada um. Toca a realidade do povo no encontro de seus anseios mais profundos.

O encontro cotidiano com Ele nos habilita ao diálogo que nos transforma reciprocamente, nos dá a capacidade de começar um caminho juntos, rumo às periferias existenciais e geográficas de hoje, como nos convida o Papa Francisco.

O encontro é um fio verde porque denso de esperança, um fio que tece as nossas relações abertas e recíprocas, capazes de aproximar e conduzir a humanidade ao entorno de um projeto de vida fundado na justiça, na igualdade, na ética, na transparência, no amor.

O encontro é portador de uma esperança lúcida e fecunda que nos coloca sempre em movimento a favor da vida. Cria liames de solidariedade e lucidez para curar feridas abertas pelos conflitos, pela guerra, pela violência, pelo não respeito à dignidade humana, gerando uma cultura de paz.

O encontro é uma experiência de co-criação, aliança com Deus Trindade. Dali nasce algo de novo construído por muitas mãos: o Criador e nós – na sua rica expressão de um Deus encarnado. Encarnado no rosto das crianças e dos jovens com os quais nos colocamos em caminho, firmes na esperança, ancorados na alegria genuína do Evangelho.

O encontro é, ao mesmo tempo, horizonte, caminho e meta. Como *horizonte* nos faz ver e abraçar realidades diversas. Como *caminho* é tecido de escuta, diálogo, procura, compreensão, comunicação, comunhão. Como *meta* mantém os nossos passos ao ritmo dos passos de Deus.

Ocorre seguir o sopro fecundo do seu Espírito que nos leva a periferias inesperadas. “Convida-nos a nos deixar conduzir pelo Espírito, renunciando a calcular e a controlar tudo, permitindo que Ele nos ilumine, guie, dirija e nos leve para onde quer. O Espírito Santo sabe bem o que é necessário em cada época e em cada momento”

(cfr Carta aos consagrados *Perscrutai*, 16).

mhmoreira@cgfma.org

dma

primopiano

primeiro plano



Approfondimenti biblici
educativi
e formativi

Aprofundamentos bíblicos, educativos e formativos



A paz no Oriente Médio

Lina Abou Naoum

Os Países que compõem o Oriente Médio nestes últimos anos foram envolvidos pelas ondas destrutivas do terrorismo, sufocados em um caos de guerras civis, em lutas com diversos títulos, lacerados, divididos, desorientados, em busca de seguranças, de estabilidade, de paz.

As regiões de um conflito

Com uma cadência quase cotidiana, a mídia informa sobre o que acontece, mas nem sempre sobre quais são as causas do conflito. Eis um quadro do conjunto dos acontecimentos históricos que, com o passar do tempo, determinaram a atual situação no Oriente Médio.

O Iraque é um dos países mais instáveis. O Estado Islâmico do Iraque e do Levante (Isis) – grupo extremista islamita – assumiu o controle de toda a cidade. Com a invasão do Iraque pelos Estados Unidos em 2003, em pouquíssimo tempo foi destruído todo o aparato estatal do país: exército, burocracia e polícia. O reforço do ISIS e de outras milícias sunitas, o aumento da violência sectária entre sunitas e xiitas e a fragilidade das estruturas estatais iraquianas explicam o caos geral no qual as nações árabes, uma depois da outra, foram envolvidas.

A Síria. A maioria da população Síria é sunita, mas o país é dirigido por Bashar al Assad, xiita. Em 15 de março de 2011 milhares de pessoas tomaram as praças em Aleppo e Damasco, para pedir a democracia. Com as primeiras deserções das forças armadas e o nascimento dos primeiros grupos rebeldes, começou a guerra civil.

O regime obteve algumas importantes vitórias, também graças à ajuda dos seus aliados: o Irã e o movimento Hezbollah, que do Líbano enviou tropas adestradas, e suprimentos. A oposição, em vez, dividiu-se. A parte mais moderada, cuja força principal é precisamente o Exército Livre da Síria, goza de

certo apoio internacional. Mas, os moderados, além do governo, devem combater também contra os grupos rebeldes islâmicos mais extremistas, e em particular contra o ISIS que se tornou uma das formações militarmente mais fortes da oposição.

O Egito. Em 30 de junho de 2012, depois de violentos combates e numerosos feridos, Mohamed Morsi, da Fraternidade Muçulmana, assumiu a presidência do Egito. A decepção e os descontentamentos aumentaram com a difícil situação econômica enquanto os protestos no Cairo pelos novos poderes que Morsi se atribuiu como “guardião da revolução egípcia”, intensificaram-se. Em 26 de dezembro de 2012, o Egito formulou uma nova Constituição, redigida pela Fraternidade Muçulmana, que foi muito contestada pelas oposições porque não cuidava suficientemente dos direitos civis. Em 3 de julho o comandante das forças armadas egípcias, Abdul Fatah Khalil Al-Sisi, anunciou a suspensão da Constituição. O governo foi assumido pelo chefe da Corte Constitucional com a qual o Egito conta para pôr fim aos conflitos.

Israel e Palestina. O conflito deflagrado em julho de 2014 é apenas o último de tantos, entre Israel e o Hamas, que é uma organização política e paramilitar palestina, criada em 1987 e que tem como objetivo a destruição do estado Hebraico. Israel teme uma Palestina independente que possa transformar-se em um País hostil e aliar-se com os vizinhos árabes do Oriente Médio. Preocupa também Tel Aviv, o poder que o Hamas poderia conquistar na West Bank, cujos habitantes são de etnia árabe e com prevalência muçulmana, no rumo do que foi em Gaza.

O Líbano. Desde o início da crise na Síria, o Líbano acolheu cerca de dois milhões de refugiados além dos oitocentos mil refugiados palestinos, aproximadamente, já presentes no País. A emergência humanitária e as tensões sociais e políticas aumentadas com a situação na Síria, correm o risco de fazer o País explodir num

caos subsequente. O desenvolvimento do ISIS e a ameaça das siglas jihadistas atuantes na Síria e no Iraque, são um perigo para uma terceira frente no País dos Cedros.

A situação no Líbano é difícil: crises políticas para a eleição do Presidente da República, cargo que por Constituição é para um cristão maronita; papel do Hezbollah – movimento xiita libanês – que dividiu a

comunidade libanesa; inimizade de Israel com o Partido pró-iraniano que em 2006 destruiu o País...

De tudo isso emerge com evidência que é complicado compreender em que direção evolui a crise atual. O Oriente Médio está vivendo os anos mais dramáticos da sua história e pouco ficou dos sonhos da chamada “primavera árabe”.

O desejo de paz

Falar hoje de PAZ no Oriente Médio é difícil, parece algo impossível.

É pessimismo? Não, é a cruel realidade de Nações em afanosa busca de identidade e estabilidade. É verdade que há interesses mundiais em jogo: a corrida para a conquista da energia, da matéria prima, do petróleo, do gás... e também o comércio das armas, da conquista de mercados, do retorno à guerra fria das Potências internacionais, da afanosa busca de soluções às crises econômica mundiais em detrimento de inteiras populações sedentas de paz.

A *ignorância* e a *pobreza* agravam ainda mais a situação e não deixam entrever um futuro diferente. São incontáveis os mártires inocentes, os refugiados, os sem-teto, os famintos, os desempregados... É uma situação trágica que coloca de joelhos os governos frágeis e pouco fidedignos.

A Inspetoria fma do Oriente Médio *Jesus adolescente* inclui seis Nações (não está no Iraque), mas já tem duas fma iraquianas. Vive a complexidade

e a atrocidade do que acontece no dia a dia.

Muitos familiares das nossas Irmãs perderam suas casas, e parentes foram assassinados, entre os quais o jovem de vinte e sete anos Habib Mardo, irmão de Ir. Jeandark, que morreu em Hama, cidade síria.

A nossa comunidade em Aleppo está fechada há 4 anos. A “primavera árabe” transformou-se em um “tsunami sangrento”, um inverno longo, frio; as populações temem os grupos terroristas que semeiam medo, aumentam o seu poder, adquirem armas, incitam à jihad, para islamizar todos!

“Nós vos mataremos e acreditaremos estar cultuando a Deus!” É a Palavra que ressoa no coração dos cristãos que fogem da Terra Santa.

Queremos construir a Paz, ser sinais de esperança e de proximidade nestes tempos tão difíceis, onde a palavra de ordem é a desconfiança. Como salesianas acreditamos na educação como o caminho para a Paz, porque apenas os “Bons cristãos e honestos cidadãos” saberão ser *Santos construtores de paz!*

linabounaoum@yahoo.com

Mulheres no contexto



Mulheres de alegria

Debbie Ponsaran

É sempre mais claro o desejo do Papa Francisco de dar maior espaço à presença feminina no Vaticano, graças, também, às recentes nomeações de cinco mulheres teólogas para a Comissão Teológica Internacional. E, nas Filipinas, o Papa promoveu as mulheres no seu encontro com os jovens em Manila, em 18 de janeiro passado, quando disse: «As mulheres têm muito a nos dizer na sociedade de hoje. Às vezes

somos muito machistas e não deixamos espaço à mulher. Mas ela sabe ver as coisas com olhos diferentes dos homens. A mulher sabe fazer perguntas que nós homens não conseguimos entender».

A atriz Emma Watson, que se tornou embaixadora dos Estados Unidos para a mulher, lançou oficialmente a próxima fase da campanha *#HeforShe* das mulheres das Nações Unidas (www.heforshe.org) durante o

Fórum Econômico Mundial 2015 em 23 de janeiro, na Suíça. A campanha *HeforShe* é uma iniciativa para a mobilização dos homens sobre a igualdade de gênero.

O *hashtag #HeforShe* foi utilizado por 1,2 bilhões de pessoas e, mais de 200.000 homens já assinaram o seu compromisso, entre os quais o arcebispo anglicano Desmond Tutu, ativista sul-africano dos direitos humanos, o príncipe de Gales Harry, e o número está destinado a crescer.

Complementaridade

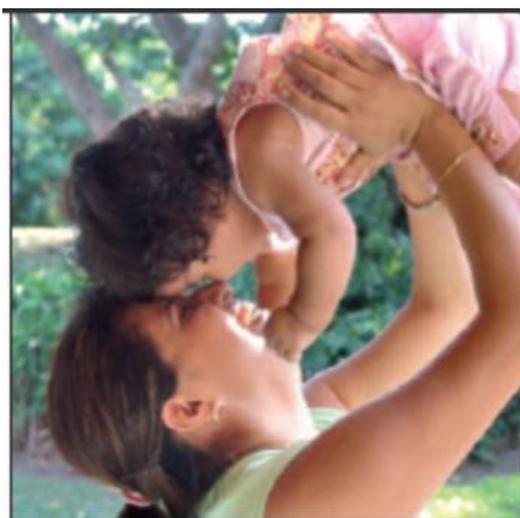
Diversos estudos estão demonstrando que homens e mulheres compartilham apenas 10% dos seus traços de personalidade (*Manchester University, 2012*). A conformação cerebral é moldada de modo diverso, com uma complementaridade surpreendente (*National Academy of Sciences of USA, 2013*). Ao invés de superioridade dos homens sobre as mulheres ou das mulheres sobre os homens, as suas diferenças são feitas para se complementarem reciprocamente, como em uma relação sinérgica. Ir. Teresa Benedita da Cruz (Edith Stein), brilhante fenomenóloga, declarou que as mulheres são mais inclinadas a prestar atenção a toda pessoa inserida no próprio ambiente, enquanto os homens tendem a ser desligados, e o que criam são projetos de trabalho. Ela sublinhou que esta complementaridade torna-se uma fonte de enriquecimento.

Será que já houve uma época em que as mulheres e os homens viviam numa verdadeira complementaridade? Marija Gimbutas, famosa antropóloga da *UCLA (Universidade da Califórnia, Los Angeles)*, surpreendeu o mundo com suas descobertas que revelam uma cultura antiga que floresceu na Europa entre 6500 e 3500 a. C.

Ela relata: « Foi um período duradouro de criatividade e estabilidades notáveis, uma época sem conflitos. As mulheres eram seres vivazes, iguais e talvez mais honradas porque o templo era gerido por mulheres. Era uma sociedade equilibrada, as mulheres não eram tão poderosas ao ponto de usurpar o que era masculino. Os homens estavam na sua posição correta, fazendo o próprio trabalho e exercendo o poder que lhes cabia ».

Em uma existência complementar, a vida seria empobrecida sem a contribuição do outro. No nosso mundo em que as mulheres estão ainda lutando para expressar a sua autêntica feminilidade, é difícil ignorar o fato de que muitos dos dons femininos são pouco apreciados. Um exemplo é a “relacionalidade” pela qual as relações com os outros são mais importantes do que o individualismo. O valor da comunidade está acima dos empreendimentos que buscam interesses individuais.

O *ser* tem precedência sobre o *fazer*. Muitos estudiosos afirmam que a “relacionalidade” está estritamente ligada à receptividade de uma mulher, a partir da sua estrutura morfológica. As mulheres foram criadas com um espaço vazio dentro de si mesmas, o seio materno, que é destinado a receber outro ser. E quem não é mãe fisicamente, o será espiritualmente graças à sua marca psicológica. A mulher, portanto, é orientada para a recepção e a nutrição da vida, a abertura ao outro, a empatia, e possui uma profunda necessidade de compartilhar a própria vida com os outros. Esta “relacionalidade” é fonte de alegria pura para uma mulher!



Alegrai-vos!

A alegria de uma pessoa consagrada nasce da “relacionalidade” com Deus. Em linha com os arquétipos antigos, a “relacionalidade” é o dom da mulher à humanidade. É inata nela. É a sua contribuição mais preciosa se a sociedade lhe permitir utilizá-la livremente, sem medo de ser rotulada como carente, fraca e vulnerável.

Esta “relacionalidade” explica-se nas relações interpessoais e, para uma religiosa, significa uma vida com Jesus que, portanto, encontra a sua natural expressão no serviço aos outros.

Na carta, “*Alegrai-vos*”, é citada a primeira pergunta que o Papa Francisco faz, e é sobre a alegria: «Onde estão os consagrados, os seminaristas, as religiosas e os religiosos, os jovens, sempre há alegria! É a alegria do frescor, a alegria de seguir Jesus. Mas onde nasce a alegria?»

Eis o que responderam algumas fma: «O motivo da alegria é a minha vocação. Quanto mais vou em frente nos anos, mais sinto dentro de mim a vida e a alegria. A vitalidade interior e a fidelidade criativa fazem crescer a vida nos outros». Ir. Jurga Jagminaitė (Lituânia)

«A alegria de uma pessoa consagrada nasce do encontro cotidiano com Deus, com todas as suas surpresas». Ir. Lupe Erazo (Equador)

«O motivo da minha alegria é Deus mesmo. Ele me ensina que a verdadeira alegria está em consagrar a própria vida e oferecê-la pelos outros». Ir. Zrinka Majstorovi (Croácia)

« A pertença a Deus é o motivo da minha alegria. Isto reforça a escolha que fiz de doar a minha vida pelos jovens no Instituto das fma». Ir. Nuha Aboud (Israel)

«Diversos são os motivos da minha alegria como consagrada: Jesus é o motivo mais profundo; saber

que Deus me ama; pertencer a uma família totalmente de Maria». Ir. Teresa Kamsuan (Índia)

«O motivo é o “chamado” a ser totalmente de Jesus. Outro motivo é poder acompanhar as pessoas no caminho para o encontro com Deus». Ir. Marian Canseco (México)

Um modo todo feminino para expressar a alegria é caracterizado pela ternura, pelo calor humano, pela vivacidade e inclusão dos outros!

debbieponsaran@cgfma.org

Cultura Ecológica



Rumo a algo novo

Martha Séide

« Queremos deixar para trás um mundo em que convivem a fome e o desperdício, em que a produção de biocombustíveis e forragens não leva em conta a escassez de água e de alimentos, em que a obesidade em um País contrasta com a desnutrição em outro » (Ricardo Valentini).

Esta declaração do protocolo de Milão proposto pela *Fundação Barilla Center for Food and Nutrition*, confirma, de um lado, a realidade dos insustentáveis paradoxos do nosso tempo sobre alimento e nutrição, e do outro, faz apelo aos cidadãos para criar algo novo para mudar de rumo, e para construir um modelo de consumo e produção sustentável, capaz de restituir o respeito ao Planeta com o bem-estar físico e econômico dos seus habitantes.

Paradoxos do nosso tempo

Entre as Metas de desenvolvimento do Milênio, estabelecidas pelas Nações Unidas para o século 21,

está em primeiro lugar: reduzir pela metade o percentual de pessoas que passam fome.

Um olhar sobre a situação atual em nível mundial faz perceber certo progresso na redução da fome crônica no curso dos anos. Explica o relatório da *Organização para a Alimentação e Agricultura da ONU (FAO)*, que 63 Países em via de desenvolvimento alcançaram o objetivo e outros seis estão fazendo um bom caminho.

Em nível global, se o dado está em declive, ainda há, todavia, 805 milhões de pessoas cronicamente subnutridas, cerca de uma pessoa sobre nove passa fome, segundo o novo relatório das Nações Unidas.

Por outro lado, há os que morrem por distúrbios de saúde ligados a uma alimentação incorreta e demasiada (cerca de 2,8 milhões de mortes por doenças ligadas à obesidade ou excesso de peso). Além disso, anualmente, cerca de 1,3 bilhões de toneladas de alimento são desperdiçados. Por este motivo ocorre encontrar um equilíbrio entre disponibilidade e consumo dos recursos (cf <http://www.expo2015.org/it>).

Expo Milão 2015, o que é?

É a exposição universal que a Itália hospedará de 1º de maio a 31 de outubro de 2015, em Milão. É o maior evento jamais realizado sobre a alimentação e a nutrição. Revela a ocasião em que os Países mostrarão o melhor das próprias tecnologias para dar uma resposta concreta a uma exigência vital: ser capaz de garantir alimento saudável, seguro e suficiente para todos os povos, respeitando o Planeta e seus equilíbrios.

Neste sentido, o evento se apresenta como uma plataforma de confronto sobre o tema da alimentação. Propõe-se estimular a criatividade dos Países e promover as inovações para um futuro sustentável.

As cifras da Expo Milão 2015

De alcance global, o evento se caracteriza pela sua natureza coral e envolvente. Eis as cifras para se fazer uma ideia.

Área expositiva: 1,1 milhões de metros quadrados. Participantes: 143 Países. Três organizações internacionais envolvidas. Treze organizações da sociedade civil. Cinco Pavilhões corporativos isto é, empresas privadas interlocutores-chave no debate mundial sobre os desafios ligados à alimentação e ao alimento. Além de 20 milhões de visitantes esperados.

Sinal de esperança

Neste mundo de contrastes, a *Expo Milão 2015* constitui um sinal de esperança. O tema escolhido parece dar voz a este grito de mudança: “Nutrir o Planeta, Energia para a Vida”.

O tema enfrenta o problema da nutrição do homem no respeito pela Terra sobre a qual vive: “Depois de ter-nos nutrido por milênios, o planeta Terra precisa ser nutrido, uma nutrição feita, sobretudo, de respeito, atitudes sustentáveis, aplicações de tecnologias avançadas e visões políticas novas, para encontrar um equilíbrio diferente entre os recursos e o consumo”.

Compreende quatro áreas temáticas declinadas por meio dos princípios da consciência e da interação, factíveis graças ao aporte das novas tecnologias. Elas se configuram como uma verdadeira rede interfacial com as coisas do mundo, fazendo compreender que é importante conhecer e aperfeiçoar cada fase da cadeia alimentar, porque de cada uma delas depende o bom êxito do processo inteiro.

A educação alimentar

A educação alimentar apresenta-se neste quadro como uma tarefa urgente a ser realizada. De um lado é vista como instrumento para a tomada de consciência de si mesmo, da sua fisiologia e do conjunto das próprias exigências; por outro lado abre à consciência das dimensões sociais econômicas e culturais da experiência do alimento, da sua falta, dos seus significados e das suas tradições.

A Família Salesiana na Expo Milão 2015

A Família Salesiana está entre as 13 organizações da sociedade civil participantes deste evento. Será representada pela federação mundial *Dom Bosco Network* (DBN), constituída por oito ONGs salesianas, fundada em 2010 cuja visão, missão e ação baseiam-se nos valores e nos princípios expressos pela tradição salesiana de solidariedade com os pobres. Ela pretende dar uma contribuição significativa à educação dos jovens sobre as problemáticas relativas à pobreza e à nutrição.

Todas as comunidades salesianas do mundo são convidadas a contribuir para o comum esforço educativo e formativo que sempre distingue o seu trabalho e que será proposto pela DBN, para criar um real impacto sobre o público.

A ação educativa de DBN na *Expo Milão 2015* fará uso de oficinas participativas, grupos temáticos de discussão, mesas redondas, mostras temáticas e seminários, com um particular foco sobre os jovens. (<http://www.expo2015.org/it>)

mseide@yahoo.com

CONTRA

LUZ

Segundo a DBN a fome e a má-nutrição estão longe de ser apenas uma questão de produção alimentar ou de disponibilidade de alimento.

Elas dizem respeito diretamente ao direito à vida, ao acesso a uma instrução de qualidade, à

água e à saúde, a condições econômicas igualitárias.

Nesta perspectiva, o direito a uma alimentação adequada pode ser garantido apenas por meio de uma abordagem holística dos direitos humanos correlacionados.



Por trás das máscaras

Giuseppina Teruggi

Elisa mostrou-me com satisfação o presente das colegas por ocasião do seu aniversário: uma bolsa tendo de um lado, bem visível, a escrita: “O que conta não é ser ALTO, mas estar à ALTURA”. Um presente, disse-me, entre os mais bem-vindos, que a acompanha sempre. Elisa é autêntica, brilhante nas relações com os outros e no seu trabalho, tem uma boa autoestima. Todavia, na adolescência teve problemas para aceitar-se por causa da estatura muito baixa. Agora é uma mulher feliz, competente, dedicada aos outros, muito amada por encarregar-se de seus problemas, pelo seu entusiasmo e otimismo.

Interações

A evolução da pessoa não segue esquemas preconcebidos. Cada um, no percurso do seu crescimento, encontra-se frequentemente diante de êxitos inesperados e constata a lacuna entre o sonho e a realidade, pelo que deve continuamente lidar com a distância entre aquilo que gostaria de ser e aquilo que realmente está sendo.

É um desafio acolher-se e saber valorizar-se de modo autêntico!

Sigismundo Freud elaborou uma teoria da estrutura da personalidade globalmente acolhida pelos psicólogos e pesquisadores, mesmo com modulações diferentes. Sustenta que a psique humana é constituída por três componentes fundamentais que, interagindo continuamente, dão origem ao comportamento e ao estilo de uma personalidade: o Id, o Ego e o Superego.

O Id, com sua reserva de impulsos instintivos e de energias psíquicas, é a instância inconsciente que favorece a descarga das tensões.

Não possui uma organização própria: sua tarefa prevalente é satisfazer os impulsos. O *Ego*, zona da consciência, orienta o comportamento humano em sua adequação a modalidades socialmente aceitáveis. O Superego exprime as exigências da realidade social e é constituída por representações internas de valores tradicionais e ideais da sociedade, fruto de tudo quanto cada pessoa recebeu na infância pela educação recebida das pessoas significativas.

A autoestima

Uma função específica do Ego é a construção da *autoestima* que, se positiva, ajuda a desenvolver em sentido favorável.

Diversamente, pode limitar o equilíbrio do crescimento e a pessoa pode construir uma imagem alternativa aceitável de si própria.

A autoestima corresponde à imagem que a pessoa tem ou sente de si mesma.

Estrutura-se graças à interação do eu ideal e do eu atual e também em força das relações com o mundo externo.

Aspectos maduros e imaturos dão forma à autoestima. Se, ao julgar a si mesmo e o mundo, o juízo emotivo for mais forte do que o reflexivo, então a autoestima corre o risco de ser imatura: “sinto assim, portanto é assim”. Em tal caso, leva-se em conta um só aspecto da personalidade: os sentimentos dizem a verdade, mas frequentemente é uma verdade parcial. Se, em vez, a estima se baseia na escolha de julgar racionalmente, ela será equilibrada, madura e progressiva.

Na situação em que não acontece uma boa integração da própria imagem, produz-se uma baixa autoestima, que pode desencadear vários sintomas como mudanças de humor e instabilidades; dificuldade

para conciliar o eu ideal e o eu atual; sentimento de vazio, incapacidade para perceber-se realisticamente como uma totalidade; falta de empatia.

Quando o Ego é julgado emocionalmente de modo rígido, cria-se uma repercussão negativa também diante dos outros. De fato, sabe-se que se uma pessoa aprende a aceitar os próprios limites, sabe aceitar também os alheios.

Não se pode viver sem um pouco de autoestima e sem o confronto com os outros.

Mas como confrontar-se realisticamente com os outros? Talvez se busque o pretexto de assumir formas não autênticas, porque menos severas ou porque de certo modo salvam a própria imagem.

Age-se assim quando se é incapaz de um confronto verdadeiro, maduro, flexível. A autoestima é então construída sob formas defensivas que impedem de ver objetivamente a realidade.

É uma autoestima defensiva, resultado de “mecanismos de defesa”, ou seja, de estratégias que têm a tarefa de salvaguardar a autoestima das ameaças que a podem menosprezar.

Gênese dos estilos defensivos

Os psicólogos falam dos “mecanismos de defesa” como funções do Eu que têm o escopo de proteger a pessoa das exigências excessivas do Id. São elaborados no curso da infância quando se apresenta uma ameaça proveniente do mundo interno ou da realidade externa. Eles se estruturam na relação, portanto são intersubjetivos e implicam sempre uma comunicação ao outro.

Tornam-se *inadequados* quando comprometem a capacidade de relações equilibradas e a avaliação objetiva da realidade. Com estas formas inadequadas acontece uma distorção: a realidade como é percebida pelo indivíduo não é a realidade compartilhada por todos.

Os mecanismos de defesa constituem de qualquer modo estratégias de proteção utilizadas pelo Ego para garantir-se uma segurança, evitar a ansiedade e manter uma integridade psicológica própria. Tendo uma importante função de adaptação, entram frequentemente em jogo em condições normais, e tendem a influenciar o caráter e o comportamento de cada pessoa.

Desde os primeiros meses de vida, a criança ativa defesas para proteger-se da dor. Não tendo os instrumentos para padronizar e tolerar a realidade, ela a inventa, a transforma e a “nega” com a fantasia.

É ajudada nisso pelos adultos, que criam para ela os mais belos contos de fada: fazem com que ela entre em um mundo onde os prados são mais verdes do que os verdadeiros, as flores têm as cores mais coloridas...

alegre fim onde todos “viverem felizes e contentes”.

Estas *invenções* têm um valor defensivo e, porquanto *funcionam*, têm um valor adaptativo.

Quais formas defensivas?

Acredita-se, em geral, que sem as formas defensivas a pessoa ficaria à mercê de impulsos e perigos e o único resultado seria o aniquilamento. Não existe um quadro compartilhado por todos sobre sua natureza.

Podemos, no entanto, supor algumas formas de “defesas maduras” que favoreçam o equilíbrio da pessoa em ordem à autoestima, sem comprometer sua autenticidade.

Outras formas são expressões defensivas mais ou menos negativas e podem tornar as pessoas inautênticas chegando até a degenerar-se em patologia neurótica ou psicótica.

Tem função adequada a *antecipação*; imagina-se uma situação provocadora de ansiedade e se pensa nos vários modos de resolvê-la. É como antecipar na fantasia um evento real (por ex. fazer um exame) e diluir sua intensidade. O *humorismo* é uma atitude defensiva eficaz, porque quando se auto-ironiza sobre os próprios problemas, eles se tornam mais leves. A *sublimação* faz com que desejos e impulsos inconscientes não desejáveis sejam canalizados de maneira aceitável. Uma equilibrada *repressão* permite anular, conscientemente pensamentos ou sentimentos inaceitáveis. Recorre-se à *auto-observação* quando, dada uma situação angustiante, a pessoa a observa diretamente e procura fazer emergir todos os seus aspectos, nada escondendo: este mecanismo revela capacidades introspectivas. A *identificação* é um processo mental inconsciente mediante o qual uma pessoa adquire características próprias de outra pessoa, assume seus traços, qualidades e comportamentos.

Entre as formas *inadequadas* faço um aceno ao *recalque*, que elimina da consciência desejos, fantasias inaceitáveis como se não existissem. A *formação reativa* é a transformação de um desejo ou impulso negativo no seu oposto. Com o *senso de onipotência* e a *idealização* a pessoa enfrenta as situações como se possuísse poderes especiais e fosse superior aos outros. A *projeção* leva a atribuir a outros um aspecto próprio considerado negativo, pelo qual o sujeito pode considerar-se imune criticando-o em outros. Muito espalhado, o mecanismo da *racionalização* existe quando se dá uma justificativa racional e plausível para reduzir a ansiedade por um insucesso: é uma “mentira” inconsciente, visa à redução do valor de alguma coisa estranha a si.

O princípio da realidade

No adulto, as defesas do Ego pretendem atenuar a fadiga de viver e fugir de sensações desagradáveis e dolorosas.

Às vezes podem tornar-se um verdadeiro disfarce da realidade, uma “máscara” que se assume para tornar a vida mais tolerável.

Muitas vezes as formas de defesa são consideradas algo negativo, para se salvar, seja como for, em detrimento das relações com os outros. Na realidade, todavia, elas estruturam a personalidade e são necessárias para o desenvolvimento saudável. Algumas delas se tornam patológicas somente quando assumem um caráter rígido e comprometem a flexibilidade, a harmonia e a adaptação da pessoa. Sobretudo quando impedem relações interpessoais autênticas.

Certamente alguns mecanismos defensivos levam ao risco de falsificar a realidade.

É exatamente isto que sucede na infância com os contos de fada: neste caso, porém a falsificação cai no controle consciente do adulto, que gradualmente ajuda a criança a compreender que aquilo que lhe foi relatado é fantasia.

Mas, ao adulto, quem diz que as falsificações da realidade não são verdadeiras?

É o mesmo adulto que se deve dizer, confrontando-se honestamente com a verdade, com as próprias ilusões, com as suas inautenticidades. E confronta-se consigo mesmo de modo eficaz quando decide substituir o *princípio do prazer* pelo *princípio da realidade*. O primeiro tende à satisfação dos próprios gostos a qualquer custo e de forma imediata; o segundo conhece a espera e permite a satisfação das necessidades realísticas.

O *princípio da realidade* é a capacidade de colocar-se de modo verdadeiro, autêntico, sem máscaras, diante da situação que se é chamado a assumir. E conduz a enfrentá-la responsabilmente, para estruturar uma personalidade sadia.

gteruggi@cgfma.org

dossiê
dma



ALARGAI O OLHAR



Encontro

Mara Borsi, Gabriella Imperatore

O encontro entre nós, o encontro com Dom Bosco e Madre Mazzarello e com outras testemunhas da fé e do serviço ao próximo, o encontro com outros meninos/as que compartilham conosco os mesmos valores, o encontro com Deus, realiza-se quando há uma total atenção ao outro e a vida flui e se transmite de uma pessoa para a outra.

Um encontro surpreendente que muda a vida

O encontro com Deus é sempre algo misterioso e transformante. Páginas inesquecíveis como a de Moisés diante da chama ardente ou de São Paulo no caminho de Damasco, nos lembram esta realidade.

É o encontro decisivo com Ele que transforma a existência, muda-a, plenifica-a e dá coragem para realizar um projeto de vida fundado e orientado pelo seu amor. Mas cada qual vive este encontro de modo absolutamente pessoal.

Não há regras estabelecidas. Deus, de fato, faz-se encontrar de muitos modos. Entre os muitos possíveis testemunhos, escolhemos relatar alguns, os de Giorgia, Elisabetta e Maria Laura.

Giorgia: « A minha vida mudou muito, desde que, há sete anos, comecei a experiência de serviço como animadora do oratório *Dom Bosco*, entrando em contato com os menores e às vezes também com os mais pobres. Depois de algum tempo, porém, apenas a dimensão do serviço, não bastava para me fazer sentir que verdadeiramente estava em caminho e notava, em vez disso, como a escuta da Palavra de Deus, aos domingos ou durante os retiros, juntamente com a oração me faziam ficar melhor.

Sentia que aqueles flashes de luz que de vez em quando filtravam sobre a minha vida, podiam encontrar estabilidade se eu recebesse com mais frequência os sacramentos (confissão e eucaristia) e me deixasse plasmar cotidianamente pela Palavra de Deus.

Comecei a pedir na oração esta graça ao Senhor, que não tardou em se fazer presente pelas mediações com as quais gosta de se manifestar, quando livremente lhe permitimos entrar em contato com o nosso coração.

Assim aconteceu comigo e me deixei encontrar por Ele por meio de tantos consagrados/as ou leigos empenhados, que me ajudaram a amadurecer na fé.

Este gradual caminho de discernimento livrou-me de muitos medos e me fez acreditar sempre mais em mim mesma, até chegar a considerar-me um grande *Dom* de Deus.

Um crescimento exponencial nas relações, sobretudo na minha família e no caminho universitário são apenas algumas das manifestações da minha mudança interior. Acolhê-Lo levou-me necessariamente à raiz dos meus desejos, purificando tantas necessidades supérfluas que pesavam e atrasavam o passo da minha existência. Foi com muita naturalidade que, depois de me haver confrontado com quem me havia guiado nestes anos, fiz a escolha de tomar o caminho da consagração começando o período de avaliação e orientação no Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora.

Considero a minha resposta uma simples resposta a um grande dom que o Senhor quis me dar, um primeiro passo no caminho que somente Ele sabe para onde vai me levar. A mim não importa saber, o que realmente conta é conseguir manter os olhos do coração sempre abertos, para Amar e reconhecer em cada passo e em cada instante da minha breve ou longa vida, aquele que Amo... o Senhor Jesus.



A comunidade das Filhas de Maria Auxiliadora na qual vivo como aspirante há quase dois meses, está me ajudando, neste caminho de discernimento. O espírito de família, próprio de todas as casas salesianas, desde o início me fez sentir em 'casa'. Um clima de serenidade e de simplicidade que encontra a fonte primária na oração e naturalmente deságua no serviço amável com os pequenos.

Compartilho esta belíssima experiência com outras duas jovens aspirantes em companhia de Ir. Gabriella que nos ajuda e nos orienta neste caminho humano espiritual. Existem todas as condições para eu transcorrer este período profícuo da minha existência, agora, cabe a mim abandonar-me para escutar a Voz de Deus por meio das Suas mediações».

Elisabetta: «Tudo teve início em 2013 quando, inscrita para o primeiro ano da faculdade, devia contar com um novo ambiente, uma nova autonomia didática, um grande número de exames a serem feitos, muito tempo livre a ser gasto do melhor modo possível e o grande desejo de participar dos 10 dias de acampamento de verão com os jovens da escola secundária proposto pela minha paróquia. Decidi, então, empenhar todas as minhas energias para terminar logo todos os exames de modo a poder viver uma experiência única com os jovens.

Tive sucesso e, em julho de 2013, parti feliz e desejosa de tornar cada um daqueles pequenos, um protagonista. Naqueles dias, conversando e me confrontando com uma das mães animadoras foi-me colocada uma sã inquietação que não me abandonou mais durante o verão: « É possível que você não seja chamada ao matrimônio, mas para outra coisa?». A pergunta remexeu-me interiormente, era a única coisa que não queria ouvir e agora, já que tinha sido feita, eu me vi obrigada a refletir, a responder, a procurar no mais profundo do ser uma resposta verdadeira, não tanto à pessoa que me questionava e para quem logo havia respondido não, mas para mim mesma. *Quem é Jesus para mim? Quem é Ele e quem sou eu?* A partir daqui teve início um extraordinário caminho de busca fundado na confiança em Deus, alimentado pelo desejo de descobrir o projeto que Ele tem sobre mim. O dom

da graça é como desembulhar um presente que é colocado em cada um de nós e que apenas espera ser reconhecido por nós mesmos, pela minha grande incredulidade, no meu caso, e pelos medos e anseios com a descoberta de sermos imensamente amados.

As respostas emergem pouco a pouco na medida em que me deixo amar e tocar pela grandeza de Deus; compreende-se, então, que Ele é realmente importante e que tudo é pouco diante da sua plenitude, para nós viva e manifestada nos jovens.

Agora graças à comunidade de Bologna pude compreender a importância da educação como formação integral da pessoa: escolher, querer e desejar a felicidade dos jovens, com a finalidade da sua realização. Se em um primeiro momento considerava o educador como um carrancudo e indesejável personagem hoje eu me sinto transformada a partir do encontro com Dom Bosco e Madre Mazzarello. *A educação é coisa do coração*, e implica aprender a viver, a conviver, a buscar o belo e o verdadeiro.

Eu não conhecia a realidade salesiana e quando a conheci fiquei muito admirada com a preciosidade da tarefa educativa e com o cuidado com que todos procuram cumprir tal dever com o único objetivo de amar os jovens e acompanhá-los no caminho da salvação, começando por difundir uma sincera alegria, um senso de familiaridade e um verdadeiro desejo de paraíso. Este estilo de vida não pode senão atrair e fazer dizer: "também eu quero ser assim como elas"».

Maria Laura: «O primeiro encontro verdadeiro com Jesus na minha vida aconteceu durante uma confissão, no verão, depois das provas do 3º ano do Ensino Médio: diferente das outras confissões vividas até aquele momento, naquele dia percebi a Presença real de Jesus no sacramento que acabara de receber e, sem entender bem como e por qual motivo, nasceu dentro de mim o desejo de conhecer Jesus mais a fundo. No início procurei manter esta experiência o mais possível "em segredo", mas depois de um ano e meio ela havia se tornado tão forte que não conseguia mais deixar de seguir aquela Voz que pedia para fazer parte da minha vida de todos os dias. No momento em que realmente deixei Jesus entrar no meu coração, pouco a pouco muitas coisas foram mudando a partir das mais simples, como o empenho nos estudos, o meu comportamento com os amigos e em família e, depois, um pouco com a ajuda da minha guia espiritual, comecei a participar todos os dias da celebração Eucarística e a frequentar com regularidade a confissão, como sacramento que cuida e cura continuamente. O encontro com Jesus me fez, descobrir, com o tempo, o sonho que Deus havia colocado no meu coração, ou seja, poder doar aos

jovens, sobretudo aos mais pobres, o grande Amor recebido e, hoje, realizar este sonho está mudando sempre mais radicalmente a minha vida.

Desde setembro estou vivendo a experiência do período de avaliação e orientação da comunidade fma de Bologna para procurar compreender se o Senhor está me chamando a segui-Lo mais de perto, no carisma salesiano. A vida comunitária nem sempre é simples, mas está me ajudando muito a viver as alegrias e as dificuldades com maior serenidade, pois tenho a consciência de não estar sozinha no caminho, mas sempre sustentada pela comunidade. Vivendo ombro a ombro com as outras duas jovens que, como eu estão em busca, Giorgia e Elisabetta, e com Ir. Gabriella, estou descobrindo a beleza de compartilhar todas as pequenas (grandes) coisas do cotidiano, sabendo compartilhar com elas também o mesmo amor por Jesus e o mesmo desejo profundo de doar a vida a Ele e aos jovens ».

Um encontro que se torna espaço para os outros

O encontro com Deus é inseparável do encontro com as pessoas para as quais Ele nos manda. O amor coloca em pé, põe em caminho, é ansioso por comunicar-se.

Ir. Gabriella Savoia compartilha a vida com as jovens que estão em busca, e cuida do dom de uma vida transformada pelo encontro com Jesus e com as jovens.



Ir. Gabriella: «A minha vida cresceu em qualidade e intensidade, porquanto o confronto com estas jovens é um ulterior chamado a ser “instrumento” e “mediação” do amor de Deus.

A abordagem inicial provocou em mim um sentimento de inadequação diante daquilo que o Senhor estava operando em suas vidas, perguntava-me o que deveria dizer e fazer; vivendo com elas os momentos de oração e de pequenas partilhas nos momentos ordinários da jornada, compreendi que é exatamente o espírito de família o valor acrescentado

e o que as jovens desejam das nossas comunidades.

Consequentemente para mim é “estar e ser” com o olhar e o coração atentos para ajudá-las a ler os sinais da presença de Deus em suas vidas e ao mesmo tempo, para a minha vida pessoal, procurando renovar-me e firmar-me sempre mais profundamente na minha vocação... Ousarei dizer que graças a esta experiência estou me conhecendo sempre mais, como também o escopo da nossa missão!».

A força de um encontro

Os jovens nos nossos ambientes educativos realizam encontros que são autênticos percursos de mudança, às vezes resgatando os valores recebidos da família, outras vezes cumprindo um trabalhoso caminho de redescoberta de si mesmos. Muitos chegam não apenas fragmentados, mas até mesmo ‘pulverizados’ por insucessos, abandono e, graças à proposta e ao ambiente educativo no qual são inseridos encontram a força de mudar, de encontrar o sentido da vida, a confiança e a esperança em um futuro diferente. Eis os testemunhos de alguns adolescentes que frequentam o Centro de Formação Profissional (Ciofs-FP) em Bolonha.

«Sou Paulo, neste momento estou muito bem, vivendo um período tranquilo, moro em Bolonha há três anos; precisei abandonar o meu País de origem porque lá existe a criminalidade organizada e não há futuro para ninguém. Agora frequento um curso de recuperação no Ciof-FP em Bolonha.

Quando fui reprovado na escola, estava passando por um momento difícil, fora de todo esquema: os meus pais estavam em crise, se separando e eu me sentia muito triste e irritado. Se não fosse a escola naquele momento seguramente eu teria enveredado por caminhos estranhos, o ambiente escolar ajudou-me num País como o meu, corrupto em que se corre o risco da delinquência e da microcriminalidade. A certa altura, em vez de me corromper como os outros, consegui sair da situação, talvez tenha escapado do problema, não sei.

Quando cheguei a Bolonha ouvi falar do Ciofs-FP dos assistentes sociais, pareceu-me uma coisa interessante e então eu me inscrevi. O centro de formação profissional ajuda muitos adolescentes, é um ambiente muito tranquilo e os professores te valorizam ajudando-te a crescer na autoestima. Nestes dois anos adquiri um forte senso de responsabilidade e de colaboração tanto na escola como nos estágios de trabalho.

No primeiro estágio eu tive problemas com clientes pouco educados, arrogantes e presunçosos, eu mesmo fui “pouco acolhedor”, mas depois tudo se normalizou. Às vezes penso que certos encontros em situações difíceis conseguem mudar a nossa vida e

nos abrem a novos horizontes de felicidade ».

«Eu me chamo *Bruna*. Desde pequena sofri muito; tinha um pai muito violento que batia tanto em mim como em minha mãe e meu irmão. Minha mãe, depois de algum tempo teve a coragem de denunciar meu pai por violência e não só, então o foi preso sob os meus olhos e os de meu irmão. Infelizmente, porém, o juiz declarou que minha mãe não podia ficar com os seus filhos porque não tinha casa nem trabalho.



Sendo assim, fui confiada a uma família e, depois, às Irmãs de um Instituto, em Viareggio. Após dois anos minha mãe finalmente encontrou uma casa para morar comigo e meu irmão, em Medicina, um vilarejo na província de Bolonha, das Irmãs. Lá dividíamos o apartamento com outra família, mas não me interessava quem fosse, o importante era estar finalmente de novo com minha mãe. Foi uma mulher que sofreu muito, mas foi forte e para mim foi e continua a ser um grandíssimo ponto de referência. A ela acredito dever dar muitíssimo.

Agora estou frequentando um curso de formação profissional no Ciofs e graças a esta experiência formativa encontrei a minha paixão: a arte que sempre amei. Desde pequena sempre gostei de desenhar e cada vez que o fazia parecia-me entrar em um mundo completamente diferente daquele em que vivia. Sinto

que esta experiência está me transformando e ajudando a curar minhas feridas, as mais profundas que me causaram tristeza em alguns momentos da vida».

« Eu me apresento: sou *Glori Jubaida*, tenho dezoito anos e venho de Bangladesh. Tenho um irmão cinco anos mais velho que eu, que estuda na Faculdade de Farmácia, minha mãe trabalha no hospital e o meu pai na pastelaria. Minha família é um importante ponto de referência para mim, são pessoas que me ensinaram a viver e que me ajudaram a alcançar os meus objetivos. Lembro-me de que quando eu era pequena tinha problema com a cor escura da minha pele. Em Bangladesh uma mulher é considerada bonita quando tem a pele clara e os cabelos lisos, mas eu sou o oposto de tudo isso e, então, quase todos os bengaleses me provocavam pela cor da minha pele. Chorava muito, sentia-me feia e insegura. Pensava que a beleza fosse a coisa mais importante, mas os meus pais ensinaram-me que a beleza conta pouco e não permanecerá para sempre, porque todos nós envelhecemos e o que permanecerá é aquilo que você é, como se comporta com as pessoas, a sua gentileza, o modo de falar e, sobretudo, o respeito para com os outros. Somente agora compreendo o que queriam me dizer: ser mulher não quer dizer apenas ser bonita exteriormente, mas ser uma pessoa que tem valores, isto faz a diferença neste mundo.

Quando penso na palavra escola a primeira coisa que me vem à mente é levantar cedo. Nunca teria pensado que um dia faria um curso de formação profissional, isso estava completamente fora da minha mente. O ambiente que frequento oferece-me oportunidade de fazer experiências positivas e me dá muitas possibilidades de crescer e de me melhorar.

Por exemplo, a experiência do estágio me fez compreender como é o mundo do trabalho.

Durante o estágio encontrei pessoas que me encorajaram e valorizaram.

Sinto ter sempre dado o máximo de mim mesma no estágio e também na escola, porque as duas coisas são fundamentais.

Ao terminar o curso, após a qualificação penso em continuar a estudar e a frequentar a escola, porque quero ter um diploma e, ao mesmo tempo, farei também o trabalho *part-time*, que consegui graças ao estágio ».

Paolo, Bruna e Glori Jubaida contaram suas experiências feitas em mundos diversos e ambientes conhecidos, da escola ao mundo do trabalho, da família à sociedade, aos amigos, tecendo relações e vivendo encontros verdadeiros, autênticos.

A família continua sendo o lugar seguro no qual encontrar refúgio, não obstante os problemas, as

feridas; os amigos são aqueles que acolhem e apoiam, a escola acompanha e orienta rumo a novos horizontes.

Das suas escolhas, emergem os seus caracteres, as suas expectativas: a bondade, a coragem, o otimismo, a liberdade, a capacidade de esperar e de nunca se render, a necessidade de agradecer, a confiança...

Os jovens procuram pessoas capazes de se colocarem ao seu lado, de estarem mais atentas à sua pessoa do que às exigências genéricas da educação. Dom Domenico Ricca, salesiano e capelão do presídio de menores Ferrando Aporti, de Turim, afirma: « O educador é o homem da normalidade que, sem ações

espetaculares, sabe “estar no meio” dos jovens pondo em ato “dois gestos importantes: a urgência da intervenção e o longo projeto de solidariedade” ».

« Não tenham “medo dos jovens”, eles têm confiança em vocês, sentem-se bem e se sentem em casa. Sejam como eles esperam: irmãos e mães cheias de compaixão; ricas de sabedoria para orientar e responsabilizar; cheias de esperança para encorajar e alimentar a visão de um futuro mais positivo para todos», foi o apelo dos leigos no CGXXII.

mara@fmails.it
gimperatore @cgfma.org



Em cada verdadeiro encontro experimenta-se o mistério da vida, o mistério do outro e o mistério de Deus, porque o que se dá é um dom gratuito. O encontro é o lugar em que você se encontra e se reencontra nas restituições do cotidiano e da própria e personalíssima história de vida. Muitas vezes, é suficiente manter aberta a porta do próprio coração, para que o outro entre. Se Deus acerta o alvo com a vida de cada um, então, cada um acerta o alvo com a vida dos outros. Cada encontro que fazemos deixa uma marca em nós e no outro, contanto que escolhamos estabelecer o contato e realizar o encontro. Um encontro pode mudar a sua vida!

Estou disposta a entrar no jogo em uma relação face a face com os jovens?

Como administro e cuido desta relação?

Em nível comunitário, como nos deixamos interpelar pelas mudanças dos jovens? Nós as percebemos ou estamos de tal modo concentradas sobre as nossas dificuldades de gerir as obras, sobre os conflitos relacionais que fazemos esforço para nos deixar provocar pelas suas pequenas vitórias?



TORNAR UNIVERSAL A INSTRUÇÃO PRIMÁRIA

A formação escolar de base é um direito humano. Muitas regiões em via de desenvolvimento têm feito progressos rumo a uma escolarização primária universal, mas 115 milhões de crianças ainda estão fora da escola.

Mais da metade delas são meninas e existe uma ulterior desproporção numérica na África subsaariana e na Ásia do Sul.

Mas não só: desistências, reprovações e uma generalizada má qualidade do ensino levam muitos dos que frequentam a escola, a não obterem as qualidades necessárias para uma alfabetização completa.



TODOS NA ESCOLA!

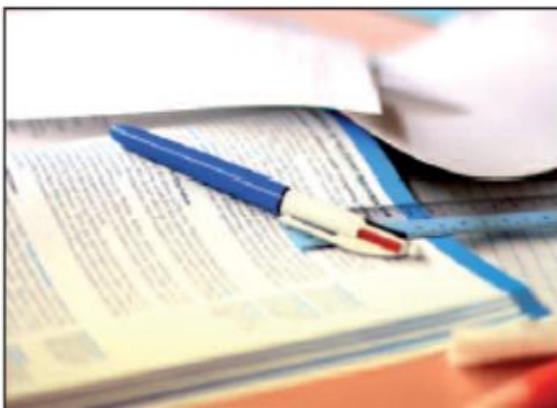
**PORQUE A INSTRUÇÃO
É A CHAVE
DO NOSSO FUTURO!**



AGENDA PÓS-2015



**... AGORA É O MOMENTO DE MUDAR!
PRIORIDADE:
A ESCOLA EM PRIMEIRO LUGAR!**



idma in ricerca

em busca



Lettura
evangelica
dei fatti
contemporanei

Leitura evangélica dos fatos contemporâneos



Um sentido para a vida

Por Mara Borsi

Conscientizar os jovens para que consolidem atitudes de gratuidade quer dizer em primeiro lugar levá-los a descobrir a raiz da insatisfação. Desposar a lógica existencial do ter, do possuir, do curvar-se egocentricamente sobre si mesmos, não satisfaz.

Duas atitudes diante da vida criam desconforto: a atitude de quem se sente esmagado pelo absurdo e não se move em nenhuma direção, e a de quem se deixa possuir freneticamente pelas experiências e as vive de modo compulsivo para não lidar com o limite e a perfeição.

Contra o senso de desconforto e o desencanto que geram atitudes possessivas ou esquizofrênicas, a gratuidade permite recuperar um sentido para a vida.

A exigência de gratuidade é exigência de sentido, de algo ou de alguém pelo qual gastar a vida, de uma opção profunda que abra a uma esperança que não decepciona.

Por isso é importante tornar os jovens conscientes de uma filosofia de vida como «dom» mais do que como «conquista».

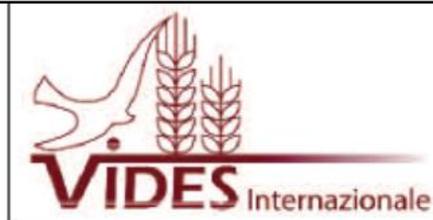
O «sim à vida» não pode ser uma atitude ingênua, nem um desafio ao absurdo sem que se veja uma possibilidade de vitória. Para um cristão o «sim à vida» é aceitação do limite, mas também da vitória radical sobre o mal, sobre o sofrimento e sobre a morte, gratuitamente oferecida na ressurreição de Jesus.

Uma nova escala de necessidades

A gratuidade lembra em primeiro lugar a solicitação de viver a existência de um modo diferente, reestruturando a escala das necessidades. Gratuidade é atenção à dimensão pessoal dos relacionamentos, para além das funções, na família, na escola, no mundo do trabalho. A gratuidade confirma a prioridade das necessidades qualitativas (reconhecimento recíproco, acolhida, bem-estar interior) respeito às quantitativas (carreira, objetivos, bem-estar econômico). É necessário caminhar com os jovens para que superem a atitude do *homo oeconomicus* que nunca se encontra com ninguém porque vê somente os seus interesses. Orientar os jovens para que aprendam que existir não significa conquistar, excluir, acumular, mas sim receber, gozar, compartilhar para a liberdade e para o bem comum. Esta é a verdadeira prioridade. Os ambientes educativos em que vivemos com e para as novas gerações são lugares em que é possível *educar* e *educar-se* à gratuidade, à cultura *do ser*, *mais* que à cultura *do ter*. Nestes ambientes pode-se aprender desde criança e adolescente a declarar com os fatos que a pessoa humana vale mais por aquilo que é do que por aquilo que possui. Crianças e jovens gradualmente educados à fraternidade, à partilha, à generosidade, ao sacrifício, por meio de gestos concretos, pequenos, cotidianos, serão os jovens e adultos capazes de senso crítico e de contrapor-se a uma sociedade que colocou no centro a vantagem pessoal e a eficiência como modelos interpretativos da existência.

mara@fmails.it

A palavra aos jovens



Sou Ariana Olivares e pertenço ao Vides USA. Desenvolvi o serviço de voluntariado no Equador, e passei a maior parte do tempo na assistência às Irmãs idosas, assumindo o trabalho da enfermeira fma, mas fiz também outras experiências.

O Equador é um país muito bonito, mas é também oprimido pela pobreza e pela injustiça. Posso dizer que procurei dar o melhor de mim mesma diariamente. Quando percebia uma necessidade, procurava ir ao encontro.

Quando era tentada de evitar as pequenas coisas, esforçava-me para ficar atenta aos menores detalhes.

O Vides USA com a sua proposta formativa ensinou-me a tomar a iniciativa, a ser criativa na missão, a procurar responder às reais necessidades da comunidade.

Quando vi que na enfermaria faltavam instrumentos médicos indispensáveis, procurei ajuda, recebi uma doação e compramos o que faltava. A enfermeira aprendeu a usar aqueles instrumentos que antes não conhecia.

Como grupo de voluntários nós conseguimos mudar um pouco as coisas.

As Irmãs idosas eram felizes, viram que as queria bem. Procurei diariamente fazer sentir às pessoas com as quais vivia, que eram amadas.

Conviver com outros voluntários permitiu-me compartilhar, entrelaçar a minha história com a dos outros de modo muito bonito e simples, e descobrir que o laço que nos uniu foi o desejo de nos doar.

As Irmãs idosas deram-me uma bela lição sobre o que é o amor incondicional. Compartilhei as suas necessidades, as suas fadigas e me deixaram entrar em suas vidas, em sua dor.

As Irmãs idosas me demonstraram que não há limites ao que o amor pode fazer. Quando Jesus nos pede para cuidar dos necessitados, dos esquecidos e dos marginalizados, não dá condições.

Aprendi a me conhecer. Este foi um dom maravilhoso. A cada dia cresci um pouco mais. Compreendi melhor os meus limites. Fiquei surpresa comigo mesma, pois fui capaz de dar passos para superá-los. O voluntariado Vides preparou-me para enfrentar a vida cotidiana com coragem e confiança.

Superar os próprios limites, as fadigas da vida cotidiana é um desafio que somos chamados a enfrentar diariamente.

O que aprendi pela experiência vivida é acreditar que este desafio é um dom também para você e para o mundo.

A Palavra



Emaús: rastros de desânimo

Eleana Salas

Ambientação

Uma Bíblia grande, sobre a Bíblia um crucifixo e perto o Cirio Pascal. No pavimento, em torno da Bíblia, retalhos de jornal com notícias de tristes eventos.

Invocação ao Espírito Santo: Espírito Santo vem, vem em nome de Jesus.

São Lucas narra este fato e põe sobre os lábios dos discípulos um lamento intenso, que permite aproximarmos da 'crise' das primeiras comunidades cristãs: crucificaram Jesus como um criminoso, mesmo sendo inocente; como um subversivo, mesmo sendo um homem de paz.

Como, então, anunciar que um Crucificado é o Salvador esperado?

Além disso, Jesus era o Mestre-Rabi: o encontro com ele, escutá-lo, viver com ele, havia trazido um raio de luz para suas vidas. Mas agora ele não está mais: tudo caiu por terra.

Experimentemos aproximar-nos do coração profundamente entristecido dos dois discípulos.

Um desconhecido partilha o caminho com eles e os escuta em silêncio.

Lucas 24, 19-24

O texto é proclamado com clareza por um leitor ou leitora. Cada participante torna a ler o texto. Depois poder-se-á fazer ressonância das frases mais significativas.

¹⁹Perguntou ele: «Que fatos?». Eles lhe responderam: «A respeito de Jesus de Nazaré, que era um profeta poderoso em obras e em palavras diante de Deus e de todo o povo; ²⁰como os chefes dos sacerdotes e os nossos magistrados o condenaram à morte e o crucificaram. ²¹Nós esperávamos que fosse ele o libertador de Israel; em vez, com tudo isso, já estamos no terceiro dia desde que aconteceram estas coisas. ²²É verdade que algumas mulheres do nosso grupo nos deixaram estupefatos; foram de manhã ao sepulcro e ²³não encontraram o seu corpo, e voltaram dizendo que tiveram uma visão de anjos, os quais dizem que ele está vivo. ²⁴Alguns dos nossos foram ao sepulcro e encontraram tudo como haviam dito as mulheres; mas não o viram».

Leitura: O texto em si mesmo

A atitude de Jesus, não é evasiva, Ele enfrenta o problema: interroga, convida a expressar objetivamente (que fatos?). Isto permitirá aos discípulos abrir o coração e os sentimentos.

Os *discípulos*: deixam-se interrogar, deixam-se ajudar:

Como viam Jesus, que imagem haviam feito dele (cf Mc 8, 27-28).

Como haviam visto a paixão e a crucifixão de Jesus (cf com Atos 3, 14-15; 4, 10-14).

Que atitude/sentimento experimentam agora (Comentando o versículo 21).

Como perceberam os primeiros anúncios da ressurreição (cf versículos 22-24 do MC 16, 9-13).

Comentar a frase conclusiva: versículo 24b, considerando o versículo 15: “*Jesus aproximou-se deles*”.

Meditação: o texto para nós hoje

Jesus coloca o problema: e o “coloca sobre o tapete”, como havia feito anteriormente (Cf. Mc 3, 1-3). Que atitude temos nós diante dos problemas? Há pessoas que preferem evadir: não saber, não ouvir falar daquilo; outros se deixam invadir pelo medo ou usar de violência; outros encontram força para assumi-los com coragem. Qual é a nossa atitude?

Quais são os medos, os problemas, qual é a dor, a preocupação, neste momento da minha vida? Leio isto no coração, digo-o, verbalizo interiormente. Posso também perguntar-me: O que está me paralisando? O que me dá medo? Permito que o meu serviço pastoral seja contagiado pelo negativismo e pelo desânimo?

Oração

Em silêncio, dialogar com o Senhor a partir do texto lido. Expresso ao Senhor as minhas preocupações, os meus sofrimentos, os meus temores. Peço demoradamente a força da fé e da esperança para assumir tudo a partir da Cruz Ressuscitada de Jesus. Peço o dom de unir o ver com clareza e a paz, a força e a doçura.

Juntas, partilhar alguma ressonância da própria oração.

Contemplação – Empenho

Não basta estudar e rezar a Palavra de Deus, é importante que ela vá germinando em nossa vida. Quais atitudes esta passagem me sugere para enfrentar as dificuldades? Como podemos expressar melhor em comunidade a força e a esperança diante dos desafios e das dificuldades pastorais?

Oração final

Pelo caminho de Emaús, um peregrino vinha comigo; não o reconheci no caminho, agora sim, ao partir o pão.

esalas@iglesiaticolica.org.pe



Acolher-se reciprocamente e perdoar-se na fé

Maria Américo Rolim

O CG XXIII advertiu fortemente sobre a exigência de “formar-nos para uma liderança adequada aos tempos”, capaz de atuar “um estilo de animação e de governo que, a partir de uma leitura de fé da realidade, saiba orientar com clareza o projeto de ressignificar a vida consagrada, a presença e as obras à luz do carisma salesiano, em fidelidade à nossa Regra de vida” (Atos CG XXIII, 31).

Comunidades testemunhas de misericórdia

A nossa espiritualidade é caracterizada pelas relações interpessoais humanizantes, profecia que se torna, hoje, alternativa à situação de intolerância em uma sociedade necessitada de reconciliação e de paz.

Neste contexto a acolhida recíproca e o perdão estão entre os pilares basilares que sustentam a *casa que evangeliza*. A vida consagrada é chamada a viver em um estado de reconciliação, testemunho vivo da misericórdia de Deus.

Tarefa de cada fma e de toda a comunidade é penetrar a fundo a própria humanidade e a humanidade dos outros, rever os critérios de juízo sobre a pessoa e sobre a vida, com a consciência da própria fragilidade e com a humildade de quem sabe recomeçar sempre (Atos CG XXIII, 33).

Uma relação de acolhida na fé requer um coração livre de ressentimentos que impedem de amar-se e de amar os outros com os sentimentos de Jesus. Um caminho de interioridade ajuda-nos a reler com lucidez e coragem a nossa história, procurando descobrir a mão salvífica de Deus que cura as feridas para que,

efetivamente, possamos ser na missão educativa, “transparência do amor de Deus e reflexo da bondade materna de Maria” (C 14).

Aqui entra em jogo o empenho de conversão de cada pessoa, a disposição de sair de si e de ampliar o olhar partindo das periferias, que habitam o próprio coração e que estão presentes também na comunidade, para as periferias do mundo juvenil.

É de fundamental importância a tarefa da animadora de comunidade, chamada a “criar em casa aquele clima permeado pelo Evangelho que ajuda sentir-se em família” (C 164), e a “promover relacionamentos fraternos válidos” (C 52) que favoreçam a superação, na caridade, daqueles inevitáveis conflitos inerentes à condição humana.

Corremos o risco, talvez, de gastar energias pessoais e comunitárias gerindo conflitos que poderiam, ao invés, ser enfrentados com realismo, humildade, diálogo e acolhida incondicional das diferenças. O Papa Francisco adverte: « Se ficamos encurralados neles, perdemos a perspectiva, os horizontes reduzem-se e a própria realidade fica fragmentada. Quando paramos na conjuntura conflitante, perdemos o sentido da unidade profunda da realidade» (Exortação apostólica *Evangelii Gaudium* n. 226).

O Amor: o segredo de Mornese

Madre Mazzarello oferece efetivamente a chave para se superar o conflito no perdão e na acolhida recíproca: “*Quem ama Jesus vive em harmonia com todas*” (C 49,6). Mornese tornou-se a *casa do amor de Deus*, porque a primeira comunidade, animada por uma mãe sábia e humilde, fez deste princípio o seu projeto de vida.

Somente se Jesus for efetivamente “o coração da

casa” (C 40) somos capazes de superar, na fé, as fadigas que proveem da convivência e do trabalho em conjunto.

A Madre exorta suas filhas à *consciência da própria fragilidade*: «Vocês devem vencer-se a si mesmas, de outro modo tudo se torna insuportável e a malignidade como as pústulas ressurgirão no coração» (C 64,5); à *caridade verdadeira do tamanho do Coração de Jesus Cristo*: «Amem-se uma às outras com verdadeira caridade...» (C 49,2). «...aquela caridade própria de Jesus, que nunca o saciava de sofrer por nós, e iria sofrer até quando?» (C 26,4); à *comunhão nas diferenças, enraizada em Jesus*: « Coluquemo-nos todas com empenho para exercitar-nos na verdadeira humildade e caridade, suportando reciprocamente os nossos defeitos » (C 52,3).



« Podemos ver-nos e nos aproximar umas das outras a cada momento no Coração Sacratíssimo de Jesus » isto faz brotar a oração recíproca e «assim os nossos corações estarão sempre unidos» (C 19,1).

A quem anima a comunidade, ela propõe o *conhecimento e o acompanhamento de cada Irmã na sua individualidade*: « Parece-me que se souber fazer vai se sair bem. Cada uma tem seus defeitos: é preciso corrigi-las com caridade, mas não pretender que não os tenha ou que corrija tudo de uma vez, isto não, mas com a oração, a paciência, a vigilância e a perseverança, um pouco por vez conseguir-se-á tudo. Às vezes, para fazer conta de tantas minudências, deixam-se passar as coisas grandes. É preciso discernir o que é natural e saber reconhecê-lo para se ter bom êxito, é preciso inspirar confiança » (C 25, 2.3)

Momento privilegiado para expressar a acolhida recíproca e o perdão é o colóquio (C 34). Como Madre Mazzarello em diálogo com as Irmãs, sentada na escada ou ao lado do poço, a animadora encontrará o caminho para alcançar cada Irmã procurando ajudá-la no processo de evangelização, antes de tudo, da própria *casa-coração* para potencializar o seu ser missionária com os jovens, “caminhando com eles nas vias da santidade” (C 5).

Acolhamos o augúrio do Papa Francisco: «Seja este ano da Vida Consagrada uma ocasião para gritar ao mundo com força e testemunhar com alegria a santidade e a vitalidade, presentes em grande parte entre aqueles que foram chamados a seguir Cristo na vida consagrada» (Carta Apostólica do Papa Francisco a todos os consagrados por ocasião do Ano da Vida Consagrada, nº 1).

m.americo@portalimm.com.br

Um olhar sobre o mundo



Uma viagem longa como um sonho

Anna Rita Cristaino

Ao deixar a casa, a família, a própria história, as próprias raízes, em suma tudo o que há de mais caro e do qual se nutriu até aquele dia, o migrante aposta num futuro melhor, investe numa nova possibilidade de existir. Está disposto também a arriscar a vida, para realizar este sonho. A sua viagem é um concentrado de sentimentos, dramas e esperanças e, com coragem, enfrenta os riscos para tentar endireitar a própria sorte e a própria vida. São muitos aqueles que sonham um futuro melhor, um lugar no mundo onde possa progredir, encontrar o próprio caminho, resgatar-se da pobreza e da guerra.

Os Estados Unidos sempre são a meta ambicionada por aqueles que sonham com a liberdade, que esperam, com audácia e vontade, poder reconstruir sua vida. Os USA são a nação que mais que todas as outras é constituída pela integração de povos e culturas. Muitos a fizeram, muitos chegados sem nada e, com o trabalho e a tenacidade, conseguiram retalar o próprio lugar no mundo. Eis porque ainda muitos daqueles que vivem em situações de indigência, de falta de liberdade, ou que estão em guerra, decidem arriscar tudo para dirigir-se a uma nação que possa oferecer-lhes novas possibilidades.

Em rede

Corpus Christi-Holy Rosary School é a Escola das fma que colabora com duas paróquias animadas pelos nossos irmãos Salesianos. Fma e sdb estão a serviço de muitas famílias de imigrantes que vivem em Port Chester, de modo diversificado.

As duas paróquias salesianas, a *Holy Rosary* e a *Corpus Christi*, compartilham o trabalho em favor de quem chega.

A *Holy Rosary* cuidando, sobretudo, dos aspectos ligados aos documentos e ao trabalho; a *Corpus Christi*, oferecendo apoio cultural no campo da educação não apenas às crianças, mas também aos pais, graças à escola das fma.

E isto graças também a uma rede de colaboração que vê trabalhar juntas muitas mães, já integradas no bairro. É isto o que nos conta Ir. Karen Dunn, fma, inspetora da Inspetoria *San Filippo Apostolo* (USA):

«Chamamos este grupo de mães *madrinhas*. Juntamente conosco, foram capazes de alcançar e identificar muitas famílias em situações difíceis, por meio de encontros familiares, fazendo-as sentir-se à vontade, gradualmente foram introduzidas na escola, para facilitar a inscrição dos seus filhos em nossa escola».

Em um clima de família

A escola fma é um lugar onde é oferecida a possibilidade às crianças de integrar-se, de estudar, de

encontrar-se em um ambiente familiar. Não apenas as crianças, todo o núcleo familiar é seguido e acompanhado. Ir. Karen continua nos dizendo: « *Aqui as Irmãs da comunidade trabalham juntas para coordenar os diversos recursos, para fazer frente aos empenhos financeiros, para manter a escola que trabalha pela educação dos jovens. A Universidade de Notre Dame, em Indiana, nos dá assistência e nos apoia, fazendo a escola conhecida, e procura ajuda para a população dos migrantes da região. A Arquidiocese de Nova York também nos ajuda financeiramente, os amigos das Irmãs salesianas e as mesmas fma aqui, juntamente com a família salesiana de toda a Port Chester, colocamos juntos os recursos em favor dos jovens. Na Paróquia Holy Rosary e na de Corpus Christi colaboramos cuidando das necessidades espirituais das crianças e de suas famílias* ».

O trabalho das fma não é apenas acadêmico. Para elas é importante criar um clima de família que faça a pessoa que chega sentir-se acolhida. Isto facilita a integração e inspira confiança.

E são tantas as histórias de jovens que, ainda como crianças, precisaram enfrentar riscos e sofrimentos. Histórias de quem teve uma infância não simples, durante a qual precisou ficar distante dos próprios pais, que haviam partido exatamente para procurar caminhos que lhes permitissem um futuro melhor. Histórias como as de Paulo e Luís.

As histórias de Paulo e Luís

Eis o que lembra Paulo: « *Eu estava no Equador e os meus pais me telefonavam frequentemente para perguntar-me como estava e se tudo ia bem. Fiquei na casa do meu avô durante um ano, nas férias, disseram-me que queriam oferecer-me uma viagem. Assim, eu e um primo de meu pai, fomos para o aeroporto tomar o avião. Na realidade não me disseram para onde eu ia, Tomei o avião e desembarcamos no Peru, então, comecei a fazer perguntas, estava um pouco nervoso, porque não sabia o que iria fazer no Peru* ».

As etapas sucessivas foram Honduras, Guatemala e México. Todas cansativas e cheias de perigos: com mudanças improvisas de destinação, deslocamentos durante a noite, sem saber para onde íamos. E com o grupo que ia se reduzindo. A última etapa foi o Texas. « *Chegamos de ônibus, lembra Paulo, mas apenas depois de três dias é que todos nós fomos recebidos. Chamaram os meus pais e lhes disseram que eu estava ali. Começaram então a gritar porque pensavam que eu iria ser enviado de volta, mas no dia seguinte nós nos encontramos. Devo ser honesto... Quando chegaram não os reconheci logo, pareciam pessoas*

estranhas; não reconheci minha mãe, mas quando disse que era minha mãe, comecei a chorar. Havia ficado dez anos sem vê-la. Aquele foi o dia mais feliz da minha vida »

Também Luís viveu os seus primeiros anos sem os pais, na casa dos avós. «Quando cheguei não sabia falar inglês, mas chegando aqui, Ir. Karen e os professores ajudaram-me muito. Naquele ano frequentei o oitavo ano. De início não entendia o que os professores falavam, mas alguns amigos me disseram: “Você vai se acostumar, vá em frente”. Tive um bom amigo que, assim como eu, havia chegado de outro país.

Ir. Karen arranhou-nos um bom programa para aprendermos a falar, a escrever e outras coisas mais... Quando cheguei não conhecia muita agente, sentia-me só. Num primeiro momento sentia haver perdido os meus amigos, o meu País, a minha avó com a qual vivera por quase 13 anos.

Havia perdido todos... Agora estou empenhado na escola, em nível local, e tenho novos amigos que me ajudaram a superar os momentos difíceis. Sou realmente grato por tudo quanto a escola e os amigos têm feito por mim ».

Beatriz, a mãe de Luís, viveu 13 anos sem ter a possibilidade de ficar com o seu filho, trazendo no coração o sofrimento daquele menino distante: « Meu marido chegou aqui por primeiro quando eu estava no sexto mês de gravidez, veio para procurar um futuro melhor para nós. Quando Luís tinha apenas quinze meses, também eu precisei partir, deixando meu filho com minha mãe.

O tempo passava e nós não podíamos voltar porque eu e meu marido não tínhamos os documentos e se saíssemos dos Estados Unidos não conseguiríamos mais reentrar. Passaram-se dez anos para conseguí-los, e voltamos para o nosso País quando Luís já estava com onze anos.

Encontramo-nos com ele; e meu marido viu seu filho Luís pela primeira vez. Passaram-se outros três anos antes de podermos levar Luís para os Estados Unidos. Meu filho agora procura compreender, e eu só peço a Deus que um dia Luís possa entender porque nós vivemos aqui.

Para ele a relação conosco não é fácil, por isso pensei: «Vou colocá-lo num lugar onde possa escutar a Palavra de Deus, onde ele possa aprender a ter sempre o Senhor no seu coração, para que um dia possa compreender o que eu fiz para ele como mãe».

De histórias como estas existem tantas e, infelizmente, nem todas têm um final feliz.

Quem chega a Port Chester e tem a possibilidade de conhecer as fma e os membros da Família salesiana que trabalham juntos, encontra uma oportunidade de resgate.

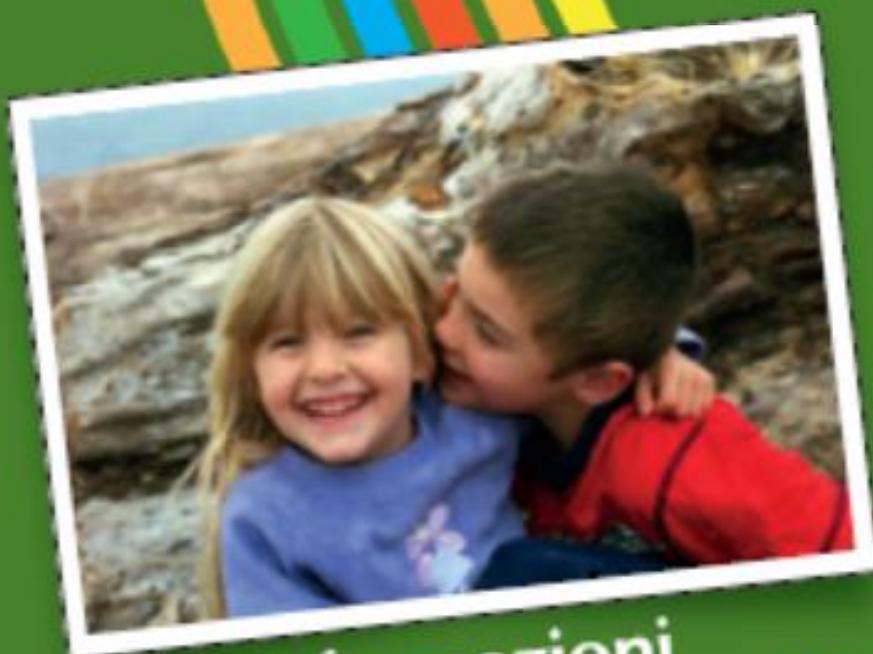
São assistidos com os gêneros de primeira necessidade, e lhes é oferecida a ocasião de aprender, de crescer, de integrar-se, sem jamais esquecer a riqueza da cultura de origem. Em alguns momentos, sobretudo para os jovens, os adolescentes, torna-se difícil ter clara a própria identidade. Não são mais Brasileiros, Peruanos, Coreanos..., mas não são ainda Estadunidenses. Pertencem a ambos. São Únicos.

arcristaino@cgfma.org



dmca comunicare

comunicar



Informazioni
notizie e novità
dal mondo
dei media

Informações, notícias e novidades do mundo da mídia



Comunicação e vida fraterna

Maria Antonia Chinello

Em um tempo em que conectar-se/ desconectar-se nos ambientes e dos ambientes da comunicação digital é fácil, somos chamados a superar a tentação de regular também as relações fraternas sob o parâmetro do login/logout. As comunidades religiosas são teofanias da presença do Senhor Ressuscitado: vivem uma vida totalmente doada a Ele e respiram, pela rede de comunicação que são, as relações entre nós, com os irmãos e irmãs.

Falsas equivalências

Os dispositivos digitais prometem uma espécie de “comunhão tecnológica”, para usar uma expressão de Sherry Turkle, porquanto oferecem espaços de encontro acessíveis, abertos, onde também os “controles” são facilmente contornáveis, onde é possível “nunca se sentir sozinho”. São um abrigo, uma mediação pelo que diz respeito à relação com o outro, que deve sempre contar com um percentual de incógnitas para as reações, as fadigas, os limites, o contexto, as palavras e os gestos. É fácil conectar-se e entrar, confirmar ou selecionar: basta um *click* ou um *touch* nas telas. Mas é igualmente fácil, desconectar-se a seu critério. Zygmunt Bauman as chama “modalidades relacionais *login/logout*”.

Deste forma, a presença física simultânea já não pode ser garantia suficiente para a comunicação, se cada um se desconecta da situação de proximidade, deslocando-se em um ambiente relacional desmaterializado graças aos próprios dispositivos.

A “conexão/desconexão fácil” corre o risco de se tornar o paradigma dos liames humanos: está-se contemporaneamente juntos e sozinhos; as interações

face a face são frequentemente interrompidas e “colocadas em pausa” com a chegada de chamadas e mensagens, desacostumamos a tolerar o silêncio, a solidão ou simplesmente as ausências temporâneas de cobertura da rede.

E por último, mas não menos importante, o perigo muito real de que «sucumbamos ao “despotismo dos dispositivos”», tornando-nos servidores das máquinas que construímos e caímos no encantamento da tecnologia que «é sedutora quando aquilo que oferece encontra as nossas vulnerabilidades humanas».

A fraternidade: espaço do mistério e lugar da Presença

São Paulo escreve aos Romanos: «A esperança não decepciona, pois, o amor de Deus foi derramado em nossos corações por meio do Espírito Santo que nos foi dado» (*Rm 5,5*). É a diferença que vivemos entre o mistério e a vida cotidiana, o desafio de passar da “vida em comum” à “graça da fraternidade”, porque a caridade de Deus nos habita e nos constitui como tais. O Papa Francisco repete com frequência: «Faz tanto mal verificar como em algumas comunidades cristãs, e mesmo entre pessoas consagradas, se dê espaço a diversas formas de ódio, divisão, calúnia, difamação, vingança, inveja, desejo de impor as próprias ideias a qualquer custo, e até perseguições que parecem uma implacável caça às bruxas. Quem queremos evangelizar com estes comportamentos? [...] Ninguém se salva sozinho, isto é, nem como indivíduo isolado, nem por suas próprias forças. Deus atrai-nos tendo em conta a complexa rede de relações interpessoais que comporta a vida humana em uma comunidade» (*EG 1000, 113*).

O entusiasmo e o sorriso com que acolhemos o seu magistério cotidiano dos gestos e das palavras, não podem deixar de nos tocar e impelir a ir adiante em profundidade, para além da simplicidade da linguagem.

As nossas comunidades são uma *rede de mulheres ou mulheres em rede*, isto é, em comunicação, com algumas características tipicamente femininas. É ali que nos reconhecemos, na trama da fraternidade: abertas ao encontro, na vivência das diferenças, em clima de diálogo que é amizade e serviço, convergindo unidas para uma missão comum.

A fraternidade: terreno para proteger e cuidar

A rede da fraternidade é tecida para cuidar das alegrias e das esperanças nossas e dos demais: atenção às relações, aos encontros, escuta, diálogo, generosidade, hospitalidade, cuidado com o bem

comum, partilha, corresponsabilidade são os ingredientes essenciais da existência comunitária aberta como estilo de vida. É a força humanizante do Evangelho que sustenta e é testemunhada na fraternidade vivida em comunidade.

Uma força que requer colocar-se na escola da Palavra, sentar-se à mesa e reconhecer o Cristo ao partir o pão, transfigurar, no horizonte do amor, a vivência do cotidiano, às vezes cinzenta, que compreende também a atualização daquelas ciências humanas que podem ajudar-nos em nossa missão.

mac@cgfma.org

Testemunhas vivas de um amor sem limites



«Este mundo, hoje mais que nunca, tem necessidade de ver em vós homens e mulheres, que acreditaram na palavra do Senhor, na sua ressurreição e na vida eterna, a ponto de dedicar a sua vida terrena para testemunhar a realidade deste amor que se oferece

a todos os homens. [...]. Esta graça não é para o homem de hoje como um sopro vivificante vindo do infinito, como uma libertação de si, na perspectiva de uma alegria eterna e absoluta? Abertos a tal alegria divina, renovando a afirmação das realidades da fé, e interpretando cristãmente à sua luz as necessidades do mundo, vivei generosamente as exigências da vossa vocação. Chegou o momento de esperar com a máxima seriedade por uma retificação, se houver necessidade, das vossas consciências e também por uma revisão de toda a vossa vida em vista de uma maior fidelidade».

(Paulo VI, Exortação Apostólica *Evangelica Testificatio*, 53)

Video



O SAL DA TERRA

de Wim Wenders, J. Ribeiro Salgado

GB, IT, FR 2014

Mariolina Parentaler

A obra-prima de Wenders para “fotografar com a luz” as obras-primas de Sebastião Salgado.

De Cannes a Roma, imperdível – sintetiza V. Sammarco, especialista em avaliação. Um trabalho escrito realmente com a luz, a ser admirado em silêncio. Magnificamente inspirado pela potência da fotografia do maior fotógrafo vivo, ecologista e humanista, “O sal da terra” é um documento potente.

Traça o itinerário artístico e humano do fotógrafo brasileiro e é co-dirigido por Win Wenders e Juliano Ribeiro Salgado, filho de Sebastião: uma experiência estética inesquecível. Alternando a história pessoal do artista com as reflexões sobre a sua profissão, o docu-filme premiado em maio passado em Un Certain Regard, em Cannes, tem uma respiração íntima e cósmica juntamente, uma oração que dialoga com a alma do homem, a história, a natureza e Deus.

Olhar as fotografias de Salgado que nos últimos 40 anos viajou por outros 100 países mostrando os mil rostos das Américas, as minas de ouro no Brasil, a carestia em Sahel, o genocídio em Rwanda, homens e mulheres no trabalho, e enfim a espetacular beleza da natureza pura, significa não só conhecer povos e nações, outros homens e outras mulheres muito diferentes de nós, mas sobretudo encontrar-nos a nós mesmos.

Uma vida de imagens: filme único e apaixonante

“Documento”, mais que documentário, “O sal da terra” comunica uma grande experiência emotiva, testemunho de amor e beleza destinado a deixar um sinal profundo no coração do espectador. O diretor relata assim a sua gênese: «Conheço o trabalho de Sebastião há cerca de 25 anos, a partir de duas incríveis fotografias que havia adquirido e que admirava sem saber de quem eram. Mas, eu o conheci pessoalmente há apenas 5 anos. Encontramo-nos em seu escritório, em Paris e, em seguida, começando a falar de fotografia descobrimos a nossa “paixão comum”. Certo dia, pediu-me para levar em consideração a ideia de unir-me a ele e a seu filho Juliano para relatar a enorme aventura que haviam compartilhado. Quanto mais nos falávamos, mais percebia dever “desaparecer” e deixar a cena inteiramente a Sebastião e ainda mais às suas fotografias.

A sua obra devia falar sozinha».

O filme, portanto, nasceu deste encontro, mas é co-dirigido pelo filho que, tendo acompanhado o pai em todas as suas viagens colocou à disposição uma vida inteira de imagens, entrevistas, conversas, *backstage amazonici*, africanos. Viajante irreduzível, explorou 26 países e concentrou o mundo em imagens brancas e negras de uma simplicidade sublime e uma sobriedade magistral.

Fotógrafo humanista, Salgado relatou a avidez de milhões de pesquisadores do ouro brasileiro enterrado na maior mina a céu aberto do mundo. Denunciou o genocídio africano, imortalizou os poços de petróleo incendiados no Oriente Médio, testemunhou as profissões e o mundo

industrial, perdeu a fé nos homens diante dos cadáveres empilhados em Rwanda. Está assim imerso na realidade que relata, e que causa perturbação. A atenção de Sebastião é para as pessoas, para as suas condições de vida/trabalho.

Ele as retoma com imagens em branco e preto que parecem realmente dar corpo ao fato de que a fotografia significa pintura com luz. Os seus desenhos ‘explodem’ literalmente, inundando de emoções quem os está observando. O filme, porém, é construído como um político, oferece ao espectador diversas perspectivas: não relata somente o extraordinário talento de um fotógrafo muito especial, mas também a sua tocante relação com o filho e a sua história de amor com a mulher Leila. Foi graças a ela que teve em suas mãos a sua primeira máquina fotográfica, descobrindo assim a própria missão.

Constrói uma família e compartilha toda a sua história, inclusive a depressão depois de ter visto o horror provocado pelo homem.

Por ela se retoma e funda a agência “Amazonas Imagens” juntamente com o seu último, monumental trabalho: “Genesis”. Faz a descoberta criativa da ecologia e, com as últimas tribos não contaminadas da nossa civilização, restaura pacientemente o reflorestamento na zona da velha fazenda da família. Transforma-a em um parque natural criando o Instituto Terra, o projeto ambiental ao qual se dedica totalmente.

Em suma, uma pessoa e um talento verdadeiramente únicos. Wenders o escuta: talvez por isso o seu fascínio e admiração pelo amigo pôde concretizar-se em um esplêndido filme.

Uma homenagem que tem a intensidade da obra-prima. Aproxima-se “do homem” e da sua “vida de imagens” com respeito e comoção, desaparecendo realmente por trás da máquina de filmagem para deixar as imagens falar.

PARA REFLETIR

A ideia do filme

A relação Cinema-Reportagem: da potência lírica, histórica e humanista da fotografia de Salgado ao docu-filme.

Seguindo o fotógrafo nas suas últimas viagens, e escutando com sua voz a história das suas sessões de fotos mais importantes, o diretor alemão (Palma de Ouro em 1984 com Paris, Texas) dá vida a uma criação que alimenta o cinema com o seu alimento primário: a imagem.

Ou melhor, com “uma imagem verdadeira”: a fotografia. Por meio dos olhos de Salgado soube relatar os continentes nos traços de uma humanidade em plena mudança.

Sim, fotografar. Escrever com a luz

Retratar. Alguns foram capazes de o fazer, o sabem fazer como ele, um dos maiores fotógrafos contemporâneos. Wim Wenders escolhe relatá-lo por meio das infinitas reportagens que construiu: realiza um docu-filme excepcional, encontro entre foto e cinema.

Um olhar moral “real”, não ilusionista sobre o mundo/história, por meio da inédita riqueza de produção lírico-documentativa coletada e colocada à disposição do filho Juliano, sobre o que Sebastião realizou.

Ao rever aquelas fotos, parece reviver todo o horror de uma humanidade ferida, frequentemente agonizante, todavia bellissima. Sempre capaz de renascimento e de resgate.

O sonho do filme

Contagiar uma ética: “Se fotografas a vida debes conferir dignidade aos teus sujeitos e abster-te de entrar no âmbito de um certo ‘voyeurismo’ ” (W. Wenders)

Sucedo o bom êxito somente quando trabalhamos com um senso de profunda solidariedade diante das coisas e das pessoas que estão diante de nós. Não são muitos fotógrafos que têm sucesso: tendem a tirar fotos rapidamente em toda parte a que chegam e depois se vão. Sebastião não trabalha assim. A sua obra testemunha que investiu tempo em todas

as situações fotografadas e vividas com as pessoas que enquadra. Tornou-se seu amigo compartilhando radicalmente a sua vida. Afirma o diretor Wenders: « Trabalha para eles para dar-lhes voz, afirma o diretor Wenders. Efetuamos boa parte da sessão de fotos em branco e preto, exatamente para melhor integrar as suas fotografias. Poder-se-ia dizer que o trabalho de reflorestamento no Brasil e o sucesso quase milagroso que de fato teve, representaram um final feliz para Sebastião, depois de todas as coisas terríveis que havia assistido ».

Por trás de cada tomada fotográfica do artista há uma história, uma emoção e o filme se torna assim um documentário monumental e comovente em que a obscuridade persegue a luz e vice-versa.

Em uma escala de cinzas que atravessa a vida e a morte, o calvário e a esperança. Obra realmente fascinante. Inesquecível.

O livro



Alessandro D’Avenia

O que o inferno não é

Emília Di Massimo



O último romance de Alessandro D’Avenia, *O que o inferno não é*, abre-se com a descrição da cidade de Palermo vista do alto, ao amanhecer, com as cores do primeiro despertar, quando a luz ainda incerta, alterando suas cores, torna-a ainda mais deslumbrante.

Diante do espetáculo em claro-escuro dos tetos e do reflexo de luz que chega do mar, Frederico, o jovem protagonista do romance, pensa na arte de Caravaggio.

E será exatamente o claro-escuro o elemento dominante no relato, o alternar-se de espaços de esperança e espaços de desespero na vida dos personagens. Aqui, nesta cidade rica de arte, guardiã de tradições e culturas antigas, enraizaram-se abuso e prepotência, exploração e violência.

Uma boa ajuda para os educadores

A obra corajosa do Padre Pino Puglisi está voltada para a recuperação dos jovens mais carentes, das crianças abandonadas e adolescentes viciados em roubo e prostituição. Nele há uma vontade, um desejo

e a ambiciosa aspiração de apagar o fogo do inferno que circunda os seus meninos.

O romance, então, torna-se uma boa ajuda aos educadores, sobretudo porque, mesmo se o personagem de Dom Puglisi não pode prescindir da sua profissão de fé, ela é vista com os olhos do adolescente leigo Frederico, que tem o nome de um antigo sobrenano, e como ele ama a literatura e a sua terra.

Tem dezessete anos e o coração cheio de perguntas às quais a vida ainda não respondeu; talvez seja por tal realidade que a missão do Pe. Pino é mais convincente e mais envolvente o seu empenho de querer ajudar os mais fracos.

Pe. Pino pretendia principalmente restituir ao homem aquela dignidade da qual havia sido privado, e à morte o seu caráter trágico do qual havia sido despojada. Como sacerdote não se excede em prédicas supérfluas, mas traz os sacramentos para a realidade; é com este espírito que acolhe a confissão de Francisco, que se torna uma verdadeira catarse, cancelamento do seu inferno interior.

Uma nova vida

«Reparar é muito mais heroico do que construir», afirma Padre Puglisi a Serena para que se persuada a não se render. Esta sempre tinha sido a sua missão, levada avante com tenacidade e perseverança. Cada educador pode encontrar-se na paixão pelos jovens que transparece das palavras e, em particular, do testemunho de Dom Pino. O romance tem uma forte abordagem histórica, não apenas com relação à figura do Pe. Puglisi, de fato o relato lembra o dia 23 de maio de 1992. O ano escolar está para terminar: um grupo de estudantes do Ensino Médio, de Palermo está festejando na piscina, quando a TV mostra as imagens do massacre de Capaci.

Frederico é um daqueles jovens. Meses depois, no final de um novo ano escolar, exatamente enquanto se prepara para ir a Oxford para um mês de estudo, Frederico encontra “3P”, o professor de religião. É assim chamado porque o seu nome inteiro é Padre Pino Puglisi, que não se importa, mas sorri. “3P” faz ao jovem o convite de ir a Brancaccio para dar-lhe uma mão no trabalho com as crianças do Centro “Padre Nostro”.

Quando Frederico atravessa a passagem de nível que leva a Brancaccio, ainda não sabe que naquele preciso momento começa a sua nova vida, a verdadeira.

Uma realidade totalmente diferente

Naquela noite voltará para casa sem moto, com o lábio cortado por um soco e com a sensação de precisar começar de novo: a partir dos becos escuros, das vidas frequentemente desesperadas e sempre duríssimas de Francisco, Maria, Dario e tantos outros. E o emaranhado dos becos controlados por homens para os quais o único mandamento a ser respeitado é aquele ditado pela “Casa Nostra”. Mas as ruas também são habitadas por muitas pessoas que não renunciam a esperar por uma vida diferente, que os leve para longe dali como a bola quando é chutada fortíssimo no campo de terra batida.

São as ruas onde se movimenta Lúcia, menina dos olhos cheios de coragem e de limpidez, que tem a ousadia de olhar o mundo e de não querer fugir porque

o único fermento, para uma possível mudança, está escondido nas mãos de quem abre horizontes diferentes da violência e da desolação.

No coração de Frederico cresce a sensação de haver descoberto uma realidade totalmente estranha, mas percebe que ela o olha de perto.

O romance é também um texto formativo para o crescimento interior de um adolescente. 15 de setembro de 1993: dia do 57º aniversário de Pe. Pino, o mesmo em que foi assassinado.

O dia em que a beleza e a esperança para Palermo são confiadas para sempre às mãos de um jovem. D’Avenia, estudante do Ensino Médio onde o Pe. Puglisi ensinava, acolheu o desafio que a vida lhe havia deixado: relatar aqueles anos terríveis. O retrato de uma cidade contraditória e maravilhosa, de uma sociedade sufocada pela “lei do silêncio” (omertá), mas capaz de testemunhos de coragem imbatíveis.

Com a emoção do testemunho, D’Avenia narra um longo verão em que tudo parece estar imobilizado, no entanto, tudo está se transformando, e dá novamente vida a um homem extraordinário, que dialoga conosco com a sua voz calma que nunca se rendeu, com aquele sorriso que não se desfaz nem mesmo diante do seu assassino, com a coragem de quem no mesmo ato de morrer ensina, a quem fica, como viver, continuando a testemunhar que “aprendemos tudo”.

Um romance corajoso

Ensinam-nos tudo. Em vez disso, o amor, que é a coisa mais importante e a mais difícil, ninguém no-lo ensina. No entanto, se não o aprendes ficas um analfabeto da vida”.

Um romance corajoso, então, com o qual o Autor celebra não só a figura de Dom Puglisi, mas lembra também o seu amor pelo bairro Brancaccio.

Unindo o respiro antigo de uma narração coral e a intensidade de uma invocação, o romance fala de nós e da possibilidade, se voltarmos a olhar a vida com os olhos das crianças, de reconhecer também em meio à poeira “aquilo que inferno não é”.

emiliadimassimo@libero.it



Green music: a música em apoio ao planeta

Mariano Diotto

Nas últimas décadas aumentou a sensibilidade com temas sociais referentes ao respeito pelo planeta Terra e à eco-sustentabilidade do nosso estilo de vida consumista.

Nasceu a *green economy* que se ocupa do impacto ambiental da produção industrial de matérias primas, de manufaturas, da utilização dos elementos naturais como a água. Nasceram as linhas *bio*-alimentares que cuidam principalmente da produção em ambientes protegidos da poluição e com energias recicláveis. E também, no mundo musical existe a *green music*.

O que é o Green Music

O Green Music Group é um projeto nascido da *onlus* (organização sem fins lucrativos) americana Reverb. Está em escala global, a união de músicos, líderes do setor, e apaixonados pela música, que utilizam o poder coletivo para realizar uma mudança ambiental no mundo difundindo-a por meio da música.

Dar o bom exemplo por parte do Green Music Group quer dizer: amplificar o trabalho de organizações não lucrativas nacionais para a construção em escala internacional de uma vivaz comunidade empenhada na ação da salvaguarda ambiental; criar uma comunidade on-line envolvente de músicos, líderes no setor da música e apaixonados pela música, todos empenhados em enfrentar as maiores preocupações ambientais; facilitar uma conscientização mais *green* do público graças às turnês de artistas internacionais por meio de subvenções ou com a produção de vídeos *virais* e campanhas de serviço público.

Era o dia 1 de fevereiro de 2010, em Hollywood – Los Angeles, quando artistas como Dave Matthews Band, Linkin Park, Maroon 5, The Roots, Willie Nelson, Sheryl Crow encontraram-se para o lançamento oficial do Green Music Group.

« Esta noite celebramos um momento de decisão. Líderes do setor da música e os apaixonados que se

unem para criar uma mudança significativa. A associação Reverb ajudou os artistas a tornarem os seus espetáculos verdes nos últimos seis anos. Queriam fazer mais. Os nossos artistas, os locais e as gravadoras quiseram fazer mais convidando-nos a tomar a iniciativa, lançando o Green Music Group », disse o cantor Adam Gardner dei Guster, que havia fundado a *onlus* Reverb com a mulher, a ambientalista Lauren Sullivan. « O Green Music Group responde ao chamado utilizando o poder coletivo da comunidade musical para trazer uma mudança ambiental real e duradoura ».

A partir de 2004 a Reverb havia já patrocinado 80 importantes turnês musicais sensibilizando mais de 10 milhões de apaixonados pela música. O grupo *no-profit* (sem fins lucrativos) colaborou também com várias entidades do mundo da música desde as gravadoras até as estações de rádio. « O Green Music Group vai se basear naquilo que a Reverb já realizou, a criação e a atuação de linhas orientadoras e padrões verdes em nível de setor, fornecendo uma comunidade on-line dinâmica em que os fãs possam intervir ».

O que quer dizer tornar a música verde?

Talvez não percebamos, mas, por exemplo, a realização de uma turnê de um cantor comporta uma poluição ambiental enorme: a produção do equipamento como o palco, as estruturas de tração, as coberturas e os deslocamentos dos meios de transporte (geralmente também 4 ou 5 TIR: Taxa Interna de Retorno) são altamente poluentes. Também o escoamento dos materiais no final da turnê não é um problema indiferente.

O Green Music Group ocupa-se da redução do desperdício de energia, da reciclagem dos materiais no final da turnê, da eliminação dos resíduos derivados do uso dos estúdios ou dos espaços públicos, além obviamente, da sensibilização dos jovens sobre a

salvaguarda ambiental do planeta para reduzir os desperdícios e otimizar os recursos naturais. Estão se unindo também a esta causa atores como Ellen Page, a protagonista do famoso filme *Juno*, ou campeões do basquete do *National Basketball Association* (NBA), como Jordan Farmar.

Muitas são as canções que falam da tutela do ambiente. «*Oceans, Rivers, lakes and streams have all been touched by man. The poison floating out to sea now threatens life on land. Don't go near the water* (Oceanos, rios, lagos e torrentes todos foram tocados

pele homem. O veneno flutuante no mar agora ameaça a vida sobre a Terra. Não ficar perto da água)», cantavam os **Beach Boys** no começo dos anos 70 na canção *Don't go near the water* enfrentando o tema da poluição da água; mas também *A Hard Rain's A Gonna Fall* de **Bob Dylan**, de 1963 que fala da chuva de resíduos radioativos em Cuba depois de uma explosão atômica; ou *Michael Jackson* com a sua *Earth song*, de 1995.

m.diotto@iusve.it



Para ulteriores informações e para descobrir as iniciativas do *Green Music Group*:
www.greenmusicgroup.org



Era uma vez... o colóquio

Minhas caríssimas, o assunto que quero enfrentar desta vez está no meu coração como no seu porque é daqueles assuntos quentes; devo admitir que se o menciono é porque fico incomodada cada vez que me pedem um parecer sobre ele. Bem entendido, as nossas Constituições são claras, mas neste mês recebi duas confidências de amigas antigas e... julguem vocês se não é o caso de se deixar tomar pelo desconforto típico de quem não sabe que peixe pegar!

Confidência de Ir. Úrsula, diretora: « Oi, querida Camilla, o tempo passa rápido e também a vida religiosa não é mais aquela de um tempo. Analise o colóquio, por exemplo... Quinze anos atrás eu tinha uma comunidade de 40 Irmãs e num mês conseguia que todas fizessem o rendiconto, agora que estou numa comunidade de dez, digo dez Irmãs, passam semanas sem que se apresente ninguém!... Parece-me sentir a sua reprovação: sim, é claro que não fico só esperando no escritório!

Aproximo-me delas nos momentos mais informais, e elas me liquidam com uma piada; eu as visito nas suas atividades, mas estão muito empenhadas naquilo que estão fazendo; mantenho bem aberta a porta do meu escritório e, fique certa de que, em vez de passarem por ali fazem outro caminho; por último lembro

também que o colóquio é um ponto da nossa Regra, mas me respondem que há modos mais modernos de comunicação...

O problema é que não existe mais vontade de dialogar!».

Confidência de Ir. Carlota, responsável do oratório: «Pronto, Camilla... como vai a vida? Sim, também aqui tudo bem se não fosse por aquela abençoada e sagrada Sra. Superiora! Como sempre tem mil coisas pra fazer (ela...) e não consegue encontrar um pouco de tempo para ninguém, quando há os leigos com os quais encontrar-se, quando há alguma Irmã a ser substituída, quando há um convênio em que vai representar o Instituto... Em suma, quase não me lembro nem mesmo da sua fisionomia!

E depois, no dia em que você consegue tê-la sentada à sua frente por cerca de meia hora, ou faz crochê ou folheia uma revista ou cochila exausta pelos seus mil empenhos... O problema é que não existe mais vontade de escutar!».

Compreendam bem, minhas queridas, que o que fica para mim é o dilema: falta o diálogo ou a escuta? Estão com a razão as diretoras sempre boicotadas pelas Irmãs ou as Irmãs apenas suportadas pela Superiora?

Talvez a resposta esteja em um pouco de equilíbrio, que não incomodaria! De uma e de outra parte!

Palavra de C.

No próximo número

DOSSIÊ: ALARGAI O OLHAR... COM OS JOVENS

Ser comunidades abertas e acolhedoras: espaços de Evangelho nos quais Jesus seja o centro; onde, com os jovens, possamos viver o espírito de família típico de Valdocco e Mornese no respeito de cada pessoa e na corresponsabilidade

CULTURA ECOLÓGICA: SEGURANÇA ALIMENTAR: QUAL FUTURO?

o homem está no centro da cadeia alimentar que, repensada por meio da aplicação de novas tecnologias, torna-se mais sustentável e autossuficiente.

FIO DE ARIADNE: DA SINCERIDADE À VERDADE

Sinceridade e verdade não se identificam. À verdade compartilhada pode-se chegar apenas por meio de uma escuta respeitosa da outra/o e a consciência de não sermos nós as detentoras, os detentores da verdade.

DOM E CULTURAS: EDUCAR À GRATUIDADE

A necessidade de gratuidade em uma época de desencanto, é um modo original de agarrar-se à vida.

CARISMA E LIDERANÇA:

CONVERGÊNCIA: MISSÃO E PROJETO COMUNITÁRIO

As temáticas enfrentadas no texto, com referências carismáticas a Laura Meozzi são: capacidade de colocar em rede, de *fazer fazer*, de colocar as pessoas em relação umas com as outras.

*da mihi animas:
o nosso modo
de crescer juntas*



**FAZER O BEM
SEM APARECER.
A VIOLETA ESTÁ ESCONDIDA,
MAS É RECONHECIDA E ENCONTRADA
GRAÇAS AO SEU PERFUME...**

DOM BOSCO

